

Universidade do Vale do Paraíba
Faculdade de Educação e Artes
Curso de Psicologia

Beatriz Lauren Silva
Giovanna Moraes de Abreu
Maria Luiza Braga de Lima Ribeiro

Estudo sobre o impacto das telas na agressividade infantil

São José dos Campos-SP
2025

Beatriz Lauren Silva
Giovanna Moraes de Abreu
Maria Luiza Braga de Lima Ribeiro

Estudo sobre o impacto das telas na agressividade infantil

Relatório apresentado à Banca Examinadora,
como parte das exigências da disciplina
Trabalho de Graduação II do curso de
Psicologia da Faculdade de Educação e Artes
da Universidade do Vale do Paraíba.

Orientador Prof. Dr. Rodney Querino Ferreira
da Costa.

São José dos Campos - SP
2025

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE DIVULGAÇÃO DA OBRA

Ficha catalográfica

Silva, Beatriz Lauren

Estudo sobre o Impacto das Telas na Agressividade Infantil /
Beatriz Lauren Silva; Giovanna Moraes de Abreu; Maria Luiza Braga
de Lima Ribeiro; orientador, Rodney Querino Ferreira Costa. - São
José dos Campos, SP, 2025.
55 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) - Universidade do Vale
do Paraíba, São José dos Campos. Psicologia.

Inclui referências

1. Psicologia. 2. Desenvolvimento Infantil. 3. Agressividade.
4. Tecnologia. I. Abreu, Giovanna Moraes de. II. Ribeiro, Maria
Luiza Braga de Lima. III. Costa, Rodney Querino Ferreira, orient.
IV. Universidade do Vale do Paraíba. Psicologia. V. Título.

Eu, Beatriz Lauren Silva, autor(a) da obra acima referenciada:

Autorizo a divulgação total ou parcial da obra impressa, digital ou fixada em
outro tipo de mídia, bem como, a sua reprodução total ou parcial, devendo o
usuário da reprodução atribuir os créditos ao autor da obra, citando a fonte.

Declaro, para todos os fins e efeitos de direito, que o Trabalho foi elaborado
respeitando os princípios da moral e da ética e não violou qualquer direito de
propriedade intelectual sob pena de responder civil, criminal, ética e
profissionalmente por meus atos.

São José dos Campos, 5 de Dezembro de 2025. □

Autor(a) da Obra

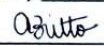
Data da defesa: _____ / _____ / _____

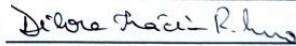
Beatriz Lauren Silva
Giovanna Moraes de Abreu
Maria Luiza Braga de Lima Ribeiro

Estudo sobre o Impacto das Telas na Agressividade Infantil

Relatório final de pesquisa aprovado como parte das exigências da disciplina Trabalho de Graduação II do curso de Psicologia da Faculdade de Educação e Artes da Universidade do Vale do Paraíba, pela seguinte banca examinadora:

Profa. Dr. Rodney Querino Ferreira da Costa (UNIVAP) 

Profa. Ma. Ana Karina de Castro Britto (UNIVAP) 

Prof. Dra. Débora Inácia Ribeiro (UNIVAP) 

Nota: 10,0

Profa. Dra. Ana Enedi Prince Silva
Diretora da Faculdade de Educação e Artes – FEA/UNIVAP
São José dos Campos, 04 de dezembro de 2025.

Dedicatória

Dedicamos este trabalho às nossas famílias que, com seu amor, força e paciência, foram o alicerce de cada passo desta jornada.

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente a Deus, por me conceder força, sabedoria e coragem para trilhar essa caminhada, mesmo diante dos desafios, medos e incertezas, se cheguei até aqui foi por estar sob a proteção dEle.

Aos meus pais, Juarez e Sandra, agradeço pelo amor e incentivo de vocês, por acreditarem em mim e colaborarem para que este sonho se tornasse real. À minha avó, Laurinda, agradeço pela base sólida que sempre me ofereceu, obrigada por todo carinho e amor, pelas infinitas orações e por ser o meu exemplo de fé e dedicação.

Ao meu marido, João Gomes, agradeço por todo apoio, paciência, companheirismo e principalmente o incentivo, obrigada por sonhar comigo e acima de tudo por fazer se tornar real, te agradeço por caminhar comigo e me amparar nos momentos mais difíceis. Você é, sem dúvidas, o meu abrigo, o meu porto seguro.

Ao meu filho, João Miguel, que é e sempre será a minha maior inspiração, obrigada por colorir a minha vida e me dar motivos para levantar todos os dias para correr atrás dos meus sonhos, você é a personificação de amor pra mim, eu sempre enfrentarei as maiores batalhas por você. A sua existência me impulsiona a ser melhor todos os dias e a não desistir mesmo com todos os desafios, obrigada por me escolher e por ser a minha maior força. Este trabalho é, acima de tudo, por você e para você, meu amor.

Agradeço aos meus familiares e amigos, por todas as palavras de incentivo, os abraços e demonstrações de carinho, de alguma forma, todos contribuíram para que tudo isso fosse possível. De modo especial agradeço à minha afilhada Melissa Bragion e ao meu irmão João Pedro que sempre me incentivaram a continuar no campo da Psicologia, me tornando mais apaixonada por essa área. Mas também às minhas amigas de faculdade Giovanna e Maria Luiza por me sustentarem em muitos momentos, ter vocês ao meu lado com certeza tornou o processo mais leve e apaixonante, agradeço imensamente pela parceria na faculdade e na vida, vocês estarão pra sempre nas minhas mais belas memórias.

Aproveito a oportunidade para agradecer ao nosso Orientador Rodney Querino, por todo o cuidado e carinho de sempre, pela paciência constante e pelas contribuições técnicas, você foi a minha base para muitas decisões que precisei dar em relação à vida acadêmica e sou grata pelo sucesso que obtive em cada uma delas, obrigada pelo jeitinho único em que nos passou todo o seu conhecimento e

afeto pela Psicologia.

Por fim, mas não menos importante, agradeço ao meu professor e supervisor, Eduardo Guadagnin, por todo ensinamento nesse último ano, estagiar ao seu lado me trouxe uma nova perspectiva sobre as vastas áreas da Psicologia, seu cuidado e afeto pela saúde mental me atravessaram, sem dúvidas me tornarei uma profissional muito mais humana por tê-lo como exemplo, seu manejo e profissionalismo me incentivam diariamente a ver a profissão com olhos de afeto, obrigada por contribuir tão belamente para a minha formação, mas principalmente por impactar tanto a minha subjetividade.

Beatriz Lauren Silva

“Consagre ao Senhor tudo o que você faz, e os seus planos serão bem-sucedidos (Provérbios 16:3).”

Agradeço primeiramente a Deus por ser a minha maior fortaleza e o responsável por ter me guiado em cada uma das minhas escolhas até chegar a esta jornada na Psicologia. Foi através d’Ele que aprendi a enxergar o mundo e as pessoas com amor e empatia, dons que só se tornaram possíveis pela Sua presença e dádiva.

Aos meus pais, meu eterno agradecimento e amor. Foram eles que abriram todas as portas e me deram o suporte necessário para que o caminho da vitória se tornasse realidade. Carlos é o melhor exemplo de ser humano que eu tenho, e ainda tive a sorte de chamá-lo de pai, o maior privilégio e orgulho de toda a minha existência. Elisangela sempre será, para mim, o sinônimo de porto seguro, força e resiliência. Ao exercer o seu papel de mãe, não há palavras que definam tamanha grandeza: o sentido da beleza nesta vida veio nela. Ambos são a fonte do amor mais puro que já experimentei.

Ao nosso Orientador Rodney Querino, que com seu modo de ensinamento singular, porém, fundamental, contribuíram para a realização de um projeto executado com superioridade. Seu profissionalismo carrega sabedoria e humildade em proporções ideais para que o poder do educador permeie por mais do que cinco anos, mas por toda a vida do profissional que já esteve em seus ensinamentos.

Aos meus familiares e amigos, que foram como faróis em dias escuros,

lembrando-me de que a esperança sempre existe e se renova. Jamais poderia concretizar este sonho sem o apoio excepcional que sempre recebi da minha família. Só Deus sabe o quão grata eu sou por cada pessoa que se fez presente em minha história. Em especial, a minha avó Maria Izabel, que desejou ser psicóloga, mas traçou um caminho diferente: hoje, concretizo este sonho por nós duas. Sou extremamente grata por ser tão parecida com você e por ter a dádiva de aprender ao seu lado. Gosto de pensar que somos almas gêmeas, porque a bondade de uma alma tão linda quanto a sua é raridade.

Às minhas parceiras de trabalho e de faculdade, Beatriz Lauren e Maria Luiza: vocês me impulsionaram a acreditar mais no meu potencial e na profissional que um dia almejo ser. É uma honra poder dizer que estive ao lado de duas pessoas tão especiais nesses cinco anos de trajetória. Afirmo com orgulho que o meu diploma também carrega o nome de vocês.

Por fim, às crianças que marcaram a minha história: Sofia Chaves da Silva, Lorena Araújo Magalhães e Noah Lucca Felizardo de Oliveira. Deixo o meu mais profundo agradecimento. Não seria a mesma pessoa sem a chegada de cada um em minha vida, que transformou minha versão pessoal e profissional para ainda melhor. Meu amor por vocês é imensurável.

Giovanna Moraes de Abreu

Gostaria de começar agradecendo a Deus e toda espiritualidade de luz que me iluminaram, conduziram e abriram as portas para que hoje eu pudesse estar finalizando mais essa etapa em minha vida. Sem o amparo dessa Equipe de Luz, a realização e conclusão desta etapa nunca seria concretizada.

Segundamente, agradeço a meus pais Alexandre e Renata, através dos seus exemplos de pessoas e de profissionais, hoje me sinto segura em quem estou me formando como pessoa e esperançosa que me tornarei uma excelente profissional a partir dos seus exemplos. Aos meus queridos irmão Alexandre e irmã Maria Fernanda, muito obrigada pelo companheirismo de sempre, nossa amizade sempre me deu forças nos momentos difíceis, e nossos momentos de risadas sinceras e descontração, aliviaram a minha caminhada pessoal e profissional.

Também sou extremamente grata aos meus avôs e avós, minhas tias,

madrinhas e padrinho por tudo que fizeram por mim durante esse período. Suas orações, ajuda, incentivo e confiança em mim foram fundamentais para me ajudar a formar a profissional da qual estou me tornando e me fizeram olhar para o mundo sob uma outra perspectiva de vida.

Ao querido professor Rodney Querino, um exemplo profissional que, através da sua orientação sincera e gentil, contribuiu imensamente para que este trabalho fosse realizado e finalizado com sucesso. Às professoras Débora Ribeiro e Fabíola Serpa, cujas orientações em supervisão e em aula foram fundamentais e serão levadas para sempre na minha prática profissional.

A minha querida psicóloga Maiara que, em consultório, vivenciou momentos comigo que eu jamais teria conseguido processar sozinha, obrigada pela sua gentileza e excelente atuação para me conduzir no meu processo de autoconhecimento.

Aos meus queridos amigos e amigas do jiu-jitsu, cujas brincadeiras e risadas me ajudaram a amenizar meus sentimentos em vários momentos dessa jornada, e ao jiu-jitsu em si, uma arte marcial que me desafia a ser minha melhor versão de mim mesma todos os dias e onde pude me conhecer de novas maneiras.

As minhas amigas e parceiras de faculdade Beatriz e Giovanna, que tornaram cada dificuldade mais leve, enfrentaram os momentos difíceis comigo e cujas amizades foram dádivas nesse período tão desafiador.

Maria Luiza Braga de Lima Ribeiro

"Conheça todas as teorias, domine todas as técnicas, mas ao tocar uma alma humana, seja apenas outra alma humana".

Carl Jung

Resumo

O presente trabalho buscou investigar os possíveis impactos do uso das telas (dispositivos de uso doméstico como telefones celulares, televisões e tablets) sobre a agressividade infantil, embasados em pesquisas de revisão de literatura. Com base nisto, foram examinados estudos dos principais teóricos sobre a agressividade, dando enfoque na investigação através do uso tecnológico juntamente ao desenvolvimento infantil, como síntese para a discussão dos respectivos impactos psíquicos decorrentes do uso de telas. A análise de dados foi feita através de uma revisão de literatura narrativa, permitindo uma perspectiva de possíveis resultados decorrentes do uso excessivo de telas. A literatura pesquisada apontou que o uso excessivo das telas na infância impacta o desenvolvimento cognitivo, podendo comprometer seu desenvolvimento emocional e favorecendo o predomínio de comportamentos disfuncionais, necessitando de uma atuação do psicólogo juntamente aos cuidadores e responsáveis.

Palavras-chave: Desenvolvimento humano; agressividade infantil; telas.

Abstract

This study aimed to investigate the potential impacts of screen use (home devices such as cell phones, televisions, and tablets) on childhood aggression, based on a literature review. Studies by leading theorists on aggression were examined, focusing on the relationship between technological use and child development, as a synthesis for discussing the respective psychological impacts resulting from screen use. Data analysis was conducted through a narrative literature review, providing a perspective on possible outcomes arising from excessive screen use. The literature reviewed indicated that excessive screen use in childhood impacts cognitive development, potentially compromising emotional development and favoring the predominance of dysfunctional behaviors, necessitating intervention by a psychologist in conjunction with caregivers and guardians.

Keywords: Human development; childhood aggression; screens.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. OBJETIVOS	8
2.1 Objetivo geral	8
2.2 Objetivos específicos	8
3. JUSTIFICATIVA	9
4. METODOLOGIA	10
5. O DESENVOLVIMENTO INFANTIL E A AGRESSIVIDADE	11
5.1 Histórico das gerações em relação ao uso das telas	14
5.2 A agressividade sobre a perspectiva psicológica	17
5.3 Agressividade nas diferentes faixas etárias	19
5.4 Aspectos da agressividade em crianças do Brasil e no mundo	20
6. HISTORICIDADE DAS TELAS	21
6.1 Autores que escreveram sobre as telas	22
6.2 Países e o acesso à tecnologia	23
6.3 Tecnologias mais utilizadas pela população brasileira	23
7. IMPACTO DA DEPENDÊNCIA DAS TELAS	25
7.1 O mal uso das telas	26
7.2 Os <i>smartphones</i> e seus impactos sobre o desenvolvimento infantil	27
7.3 Impactos cognitivos do uso excessivo das tecnologias	30
7.4 Síndrome por uso problemático de mídias interativas (PIMU)	32
8. O PAPEL DO PSICÓLOGO	37
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	43

1 INTRODUÇÃO

As gerações, ou seja, os grupos que compartilham a mesma época de nascimento e que vivenciaram os mesmos acontecimentos sociais significativos ao longo do seu desenvolvimento (Kupperschmidt, 2000 *apud* Comazzetto, 2016), estão presentes na sociedade, se dividindo comumente entre: Geração Tradicional (antes de 1945); *Baby Boomers* (1946-1964); Geração X (1965-1982); Geração Y ou Milênio (1983-2000); Geração Z (2000-2012) e Geração Alfa (a partir de 2012). Cada uma delas, como já dito, é fruto de um contexto histórico que produziu alterações culturais e sociais, ocasionadas pelo desenvolvimento populacional e tecnológico (Fava, 2014 *apud* Pereira, 2020).

Da mesma forma que as gerações, ao longo do desenvolvimento sócio-histórico e cultural da humanidade, o conceito de infância sofreu alterações. Na antiguidade clássica, por exemplo, a criança era vista enquanto um potencial ser humano que necessitava de educação para se tornar um bom cidadão e a infância correspondia a uma fase inferior à vida adulta, fase esta de selvageria, insolência e indisciplina, uma figura do não desejado que, por isso, precisava ser superada (Kohan, 2003). Foi somente a partir do século XVII, com estudos sobre a psicologia infantil, que a infância ganhou notoriedade, tendo Rousseau como responsável pela construção moderna de infância, partindo do entendimento de que “cada estado da vida tem sua perfeição conveniente, o tipo de maturidade que lhe é própria” (Rousseau, 1999 *apud* Lustig *et al.*, 2014). Atualmente, o conceito de infância não apresenta um único significado, sendo fluído e dialético, uma vez que é dependente do contexto sócio-histórico e cultural (Heywood, 2004 *apud* Lustig *et al.*, 2014).

Na década de 1990, posteriormente ao advento da Revolução Industrial, que desencadeou a criação de máquinas e, depois, computadores, tornou-se possível às pessoas terem seus próprios dispositivos móveis (Souza, 2020). As crianças passaram a desfrutar da tecnologia, sendo a infância marcada pela presença de recursos tecnológicos e de informação “na palma da mão”. Isso gerou uma série de mudanças no cotidiano social, alterando inclusive, o modo de ser do sujeito, trazendo a possibilidade de estar conectado em diversos espaços simultaneamente (Pellandra, 2003).

Atualmente, as crianças estão tendo acesso a recursos tecnológicos cada vez mais cedo. Isso ocasiona uma gama de consequências positivas, entretanto, o

excesso e uso exacerbado também pode acarretar em consequências negativas com possíveis estímulos eliciadores de emoções como a agressividade. Diante disso questiona-se: qual o impacto das telas na agressividade infantil?

Para responder essa pergunta, o presente texto buscará refletir os problemas emocionais na infância, tendo como foco a agressividade, gerada pelo hábito enraizado na cultura e rotina sobre o uso da tecnologia sem limitações, especificamente as telas (dispositivos de uso doméstico como telefones celulares, televisões e tablets), dando ênfase nas gerações que cresceram já tendo esse contato, principalmente na infância, fazendo uma reflexão histórica de quando essa relação se deu e como ela ocorre atualmente.

Para tanto, foi realizado estudo teórico, de revisão de literatura narrativa, com caráter descritivo-discursivo, que se baseou em fontes primárias, secundárias e literatura cinzenta para sua construção. O trabalho foi dividido da seguinte forma: inicialmente, dissertou-se sobre o conceito de infância e seu desenvolvimento histórico, com destaque à autores, como Freud e Winnicott, considerados pioneiros nos estudos psicológicos da criança, principalmente quando relacionados à agressividade. Junto a isso, estudou-se a historicidade das gerações e como elas se deram conjuntamente ao desenvolvimento tecnológico. Também investigou-se o panorama geral sobre as crianças e adolescentes que têm acesso à tecnologia no contexto brasileiro e as mais utilizadas pela população brasileira.

Por último, enfatizou-se o impacto negativo do mal uso das telas, principalmente dos *smartphones* – em decorrência de seu maior acesso, enfatizando nessa discussão a Síndrome por Uso Problemático de Mídias Interativas – termo derivado resultado da pesquisa da psicóloga Kimberly Sue Young, escritora do livro “Dependência de Internet em crianças e adolescentes: fatores de risco, avaliação e tratamento” (Young, 2018) –, finalizando com a discussão sobre o papel do psicólogo nesse contexto.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Investigar a associação entre o uso das telas e a agressividade infantil.

2.2 Objetivos Específicos

Pretende-se:

- a) Investigar o desenvolvimento conceitual dos termos infância e agressividade;
- b) Investigar a evolução da tecnologia até o surgimento das telas;
- c) Compreender os impactos gerados pela dependência das telas e sua relação com a agressividade;
- d) Discutir o papel do psicólogo nas demandas de agressividade infantil decorrente do excessivo uso das telas.

3 JUSTIFICATIVA

A presente pesquisa foi elaborada após uma das integrantes adentrar a maternidade durante a graduação e, com isso, o contato com o seu bebê no âmbito acadêmico. Diante dessa experiência, surgiu o interesse em como se dá o desenvolvimento infantil mediado pela tecnologia. Assim, este estudo tornou-se um reflexo do interesse das pesquisadoras em estudar as influências negativas do uso das telas na infância, entendendo que há atualmente um interesse da população, principalmente por pais e educadores acerca do tema, estabelecendo a relevância em estudá-lo.

Além disso, as pesquisadoras, enquanto mãe e tias, passaram por experiência singular ao acompanhar o desenvolvimento infantil ao longo dos semestres de graduação e, a partir disso, gerou-se curiosidade sobre o impacto negativo na mudança de comportamento, hipotetizando a agressividade relacionada ao uso excessivo das telas. Dessa forma, problematizou-se o crescente uso tecnológico no cotidiano infantil e seus possíveis impactos no desenvolvimento emocional e cognitivo-comportamental, como por exemplo, a agressividade.

A compreensão dessa relação problematiza que o comportamento agressivo na infância pode interferir na convivência familiar, escolar e comunitária, o que impacta na formação emocional e social da criança. Ademais, a investigação dos fatores associados à agressividade infantil e os impactos a longo prazo desse uso de telas contribui para o conhecimento na área de desenvolvimento humano, o que auxilia na formulação de estratégias educativas, preventivas e interventivas para melhor uso da tecnologia e, com isso, o acesso às telas.

4 METODOLOGIA

O presente estudo possui um caráter qualitativo, ou seja, visa compreender os aspectos subjetivos, tais como comportamentos e ideias, através de uma abordagem não estruturada, não utilizando protocolos rígidos e nem estatísticos. Sendo uma pesquisa descritiva, visa descrever as características do fenômeno gerado pela relação entre a agressividade, infância e telas, analisando os vários impactos decorrentes desse processo.

Para isso, foi feita uma revisão de literatura narrativa, que caracteriza pelo uso de publicações de vários tipos (relatórios internos, institucionais, técnicos, de pesquisa, de comissões, comunicações apresentadas em eventos, anais e atas de reuniões, conferências, publicações oficiais, teses, traduções, normas etc.) e por possuir maior flexibilidade na escolha desses materiais para embasar a pesquisa (Población, 1992). Apesar de não seguir protocolos rígidos na coleta de dados, busca-se com os textos selecionados descrever o estado atual do tema pesquisado. Assim, os trabalhos consultados envolveram aqueles relacionados ao ponto de vista teórico e ao contexto do tema estudo, tais como: agressividade, tecnologia, telas, gerações e infância, bem como os impactos gerados por ela relação e, a partir disso, o papel do psicólogo nesse cenário.

A amostra envolveu fontes primárias, secundárias e terciárias, tendo obras originais, artigos científicos pesquisados em revistas científicas e outros artigos de revisão de literatura das bases de dados Google Acadêmico, *Scielo*, *Pubmed* e diretórios acadêmicos.

Os critérios de inclusão da amostra envolveram publicações com menos de dez anos. Além disso, buscou-se obras que contemplem ao menos um dos descritores: agressividade, infância, gerações e telas.

Para análise dos dados, foi realizada uma análise dos conteúdos colhidos nos textos lidos, tendo como base a pergunta de pesquisa do trabalho, buscando identificar e contextualizar os dados.

5 O DESENVOLVIMENTO INFANTIL E A AGRESSIVIDADE

A infância tal qual ela é vista na sociedade atual, é fruto de um contexto sócio-histórico e cultural, ou seja, o conceito se atualiza e sofre modificações ao passar do tempo. Na antiguidade clássica, a primeira concepção platônica (do filósofo grego Platão) sobre a infância, aponta que esse momento da vida era visto como uma gama de possibilidades, que não apresentava características próprias e sim era um potencial de ser. A criança então não era nada, necessitando de uma educação para ser moldada e tornar-se um bom cidadão (Kohan, 2003).

Somando a isso, a segunda concepção platônica concebia a criança como um indivíduo inferior, sendo a infância uma fase inferior à vida adulta, caracterizada por ele como “selvagem”, “intratável”, “indisciplinada”, “insolente” etc. e, enxergava-se como solução o tratamento da natureza infantil para ela voltar a ser potencialidade harmonia (Lustig *et al.*, 2014). O terceiro conceito platônico coloca as crianças como “a figura do não desejado (...), de quem não compartilha uma forma de entender a filosofia, a política, a educação e, por isso, vencê-la” (Lustig *et al.* *ibidem*, 2014). Já o último conceito platônico coloca a infância como um “material de política” (Lustig *et al.*, 2014). Portanto, a antiguidade clássica via as crianças e a infância como um só e no qual se deve desenvolver as possibilidades tendo uma intencionalidade política, para deixarem de ser seres “inferiores” (Lustig *et al.*, 2014).

Na Idade Média não havia um tratamento específico para as crianças, uma vez que entendiam a infância como uma fase “pré-adulta” de forma que, depois que não necessitasse mais dos cuidados da mãe ou ama, as crianças já eram inseridas na sociedade e no trabalho, sendo até as vestimentas semelhantes a dos adultos (Ariès, 1981). Assim, a infância se dava até os sete anos, idade que elas já sabiam se comunicar, ou seja, infância durava até o momento em que soubessem falar, inclusive o “termo” infância se originou do latim *infans* que significa “incapaz de falar” (Lustig *et al.*, 2014). Para os medievais a infância era um período sem importância, onde se tinha um alto índice de mortalidade tal qual o alto índice de natalidade, sendo vistas como mini-adultos (Lustig *et al.*, 2014).

Ao retroceder a essa análise histórica, compreende-se que o crime e a morte contra a criança eram lícitos e até indiferentes em diversas culturas e sociedades (Argachoff, 2011). Exemplos como na Grécia, a morte de crianças deformadas era legítima, ou em Roma, quando o pai (matriarca e chefe absoluto das famílias) tinha o

direito de vida e morte sobre sua mulher e filhos, sem qualquer autoridade política com direito de modificar esta sentença, visto também que o direito romano não definiu como homicídio (Argachoff, 2011). Foi somente com a instauração do Cristianismo, que o infanticídio então passou a ser considerado, uma vez que ninguém tinha o direito de tirar a vida de seu descendente e impôs como punição a pena de morte, visto que praticar um ato tão violento contra alguém tão indefeso como uma criança deveriam ser punidos de forma severa. (Argachoff, 2011).

A partir do século XVII, o historiador francês Philippe Ariès, em sua obra *História Social da Criança e da Família*, de 1978, apresentou um trabalho pioneiro utilizando a iconografia para analisar as representações que a sociedade medieval fazia de si mesmo (Costa; Mahl, 2020). O autor, a partir da análise de diferentes contextos históricos, traçou características da infância desde o século XII, englobando a isso, o sentimento sobre a infância, o comportamento desta no meio social de cada época e as relações das crianças com suas famílias (Barbosa; Maria Das Graças, 2008). De acordo com ele, “a infância é um conceito construído socialmente na transição da sociedade feudal para a industrial” (Costa; Mahl, 2020).

O autor postula que a criança começou a ter relevância sozinha, sendo iniciado no período, os primeiros estudos sobre psicologia infantil que buscavam compreender melhor a mente da criança para melhorar os métodos educativos. Contudo, um grande marco foi no século XVIII onde o modo de vestir das crianças passa a ser diferente dos adultos, permitindo maior movimentação e a infância ganha notoriedade, onde por meio da arte os adultos passam a expressar seus sentimentos em relação à criança. Juntamente a isso, o governo assume responsabilidade para com a criança, estabelecendo uma conexão entre as esferas social como família, escola e sociedade (Lustig *et al.*, 2014). É nesse período que a ideia moderna da infância se consolida, “constituindo-se como referenciadora de um grupo humano que não se caracteriza pela imperfeição, incompletude ou miniaturização do adulto, mas por uma fase própria do desenvolvimento humano” (Sarmiento, 2007 *apud* Lustig *et al.*, 2014). Assim, Ariès (1981) postula que o “sentimento de infância” é percebido no seio familiar, entre os séculos XVI e XVII quando a criança passa a ser objeto de paparicação dos adultos e a moralização, no século XVII, oposta a paparicação.

Jean-Jacques Rousseau foi um filósofo, escritor e teórico político genebrino, considerado um dos principais pensadores do Iluminismo Francês (Porfírio, 2021).

Em 1762, ele publica sua obra intitulada *Emílio, ou, Da Educação*, considerado inovador para a época por se tratar de um romance pedagógico a partir da história de Emílio, um órfão nobre e rico. Nele, Rousseau propõe um modelo de educação visado na civilização e no progresso, desenvolvendo nas crianças uma “formação apenas do intelecto em detrimento da educação física, do caráter moral e da natureza própria de cada indivíduo” (Cabral, 2021). Para isso, ele traz uma ideologia moderna da infância, considerando-a como “uma fase com características próprias às quais devem ser cultivadas de forma a contribuir para o desenvolvimento da inteligência da criança” (Rousseau, 1999 *apud* Lustig *et al.*, 2014), ressaltando que a criança deveria “ser vista em seu próprio mundo e não como uma mera projeção do adulto” (Rousseau, 1999 *apud* Lustig *et al.*, 2014), uma vez que entendia que “cada estado da vida tem sua perfeição conveniente, o tipo de maturidade que lhe é própria” (Rousseau, 1999 *apud* Lustig *et al.*, 2014).

Um estudioso contemporâneo sobre a infância, é Colin Heywood. Em seu livro *Uma História da Infância*, de 2002, ele “explora as experiências de mudança e percepções da infância no início da Idade Média ao início do século XX” (Di Fátima, 2012). Sua visão compreende a infância como uma construção social, dissociando os termos “criança” de “infância”, entendendo-os como diferentes e sendo condicionado pela cultura, filosofia, econômica, religião, etc. (Di Fátima, 2012).

Outro filósofo contemporâneo, que trouxe a mesma perspectiva de compreensão do desenvolvimento humano ao se deparar com o aspecto de comportamento humano, foi Albert Bandura, um dos nomes mais influentes sobre as teorias da personalidade. Ele iniciou seus estudos sobre determinantes sociais e familiares de comportamentos antissociais em adolescentes, que levaram a resultados com maior indícios de que a influência desse comportamento era levada em grande parte pelas atitudes dos pais em relação à agressividade (De Carvalho; Petrich, 2020). Sendo assim, os estudos de Bandura, Ross e Ross (1961; 1963), citados por Zimmerman e Schunk (2002) demonstraram uma investigação pela aprendizagem observacional com experimentos usando o *Bobo Doll* (boneco João-Bobo), evidenciando explicações de que a exposição de crianças aos comportamentos agressivos aumentava a probabilidade da repetição de tal reação.

Portanto, sabe-se que por meio da história, como a conduta humana tem sofrido alterações sobre a temática da infância e suas transformações decorrentes da interferência da cultura (Bittencourt *et al.*, 2014). Assim, algumas das práticas que

traziam ferimento direto ao público infantil e que atualmente são consideradas como criminosas, no passado, era vista como norma ou costume e jamais citada a referência ao infanticídio (Argachoff, 2011), diferente do que é decretado hoje pelo Código Penal Brasileiro no artigo 123 (Brasil, 1940), tal crime refere-se a mulher, sob influência do estado puerperal, matar o próprio filho, cuja pena aplicada é a mesma de homicídio.

A partir dessa trajetória histórica, é possível afirmar que o conceito de infância, assim como o entendimento de criança, é fluido e dependente do contexto sócio-histórico e cultural no qual está inserido. Por causa disso, as concepções geradas antigamente são críticas na atualidade. Um exemplo disso são as ideias de Ariés, que, apesar de pioneiras, são vistas como simplistas pelos filósofos contemporâneos como Colin Heywood, que entende que a “concepção de infância existe em diferentes contextos, sendo caracterizada por um processo dialético (...), não é uma construção linear, mas sinuosa” (2004) e ainda coloca que há uma ambiguidade presente nos diferentes momentos históricos, que polarizou as crianças entre “impura e inocente”, “características inatas e adquiridas”, independência e dependência, meninos e meninas” (Heywood, 2004). Sendo este o ponto de vista que será aprofundado neste trabalho.

5.1 Histórico das gerações em relação ao uso das telas

Para contextualizar a relação entre as telas e crianças de hoje, torna-se importante lembrar quando se deu o início dessa relação, ou seja, em qual geração a tecnologia começou a estar presente, principalmente as tecnologias de informação e comunicação individuais. Para isso, será retomado a temática das gerações.

Uma geração corresponde a um grupo que compartilha os mesmos anos de nascimento e que viveram acontecimentos sociais significativos em suas etapas cruciais de desenvolvimento (Kupperschmidt, 2000). Devido a isso, seus membros compartilham de um conjunto de crenças, valores e prioridades no qual cresceram e se desenvolveram e que, por isso, influenciam diretamente em seus valores e suas visões de mundo (Chiuizi; Peixoto; Fusari, 2011).

Partindo desse entendimento e de que o contexto histórico produz alterações culturais e sociais ocasionadas pelo desenvolvimento populacional e tecnológico

(Fava, 2014 *apud* Pereira, 2020), as gerações são separadas em seis, de acordo com os anos de nascimento.

A primeira geração, corresponde a Geração Tradicional, tendo pessoas nascidas até 1950. Elas apresentam completo respeito à hierarquia, colocam o dever antes do prazer e, em grande parte, não tiveram acesso às tecnologias presentes atualmente, valorizando muito os bens materiais que possuem, por terem sido difíceis de obter (Pereira, 2020).

A segunda geração é chamada de *Baby Boomers*. São pessoas nascidas entre 1951 e 1964, logo após a Segunda Guerra Mundial. Influenciados por esse contexto histórico, foram ensinados a buscarem estabilidade, principalmente no trabalho, sendo para isso, disciplinados, observadores e transformadores com objetivos rápidos e a curto prazo. Apesar disso, são consideradas revolucionárias e rebeldes e se tornaram adultos conservadores que acreditam que o mundo não consegue acompanhar o alto consumo e avanço tecnológico existente na época (Pereira, 2020).

Pessoas nascidas entre 1965 e 1982 correspondem à terceira geração, a Geração X. Têm como características a busca pela individualidade e liberdade, sem perder a identidade de viver em coletivo. São mais rebeldes que a geração anterior, inseguras e necessitadas de *feedbacks*. Vivenciaram grandes mudanças culturais, como o início dos avanços tecnológicos com o surgimento de empresas do ramo, como *Facebook*, *Youtube* e *Google*. As mulheres dessa geração começaram a conquistar o mercado de trabalho (Pereira, 2020).

A Geração Y/Milênio, corresponde a quarta geração e englobam pessoas nascidas entre 1983 e 2000 (aproximadamente). No Brasil, foi a geração que vivenciou as “Diretas Já”. Mundialmente, são a geração da transformação, comunicação e globalização. Essa geração foi a primeira a estar totalmente conectada em tempo real, recebendo informações imediatamente e compartilhando fatos e fotos nas redes sociais em tempo real. Além disso, por muito deles serem fruto de pais separados, tem facilidade em lidar com amigos virtuais (fisicamente distantes, onde não precisarem se expor) e apresentam dificuldade em lidar pessoalmente com as pessoas sendo, por isso, carentes de profundidades e afetos pessoais e duradouros. São consumistas e exigentes, aprendem rápido e são imediatistas. Valorizam a diversidade e o trabalho em equipe sendo uma geração muito adepta aos videogames. O conhecimento passa a ser construído de várias

formas, principalmente através dos meios digitais (Pereira, 2020). Essa foi a primeira geração a ter telefones celulares enquanto um bem de consumo (Dutra, 2016).

A quinta geração, a Geração Z, contempla pessoas nascidas entre 2000 e 2010. Apresentam um comportamento individualista e anti social, preferindo o mundo virtual, o que os tornam deficientes na comunicação verbal. São alienados à tecnologia da informação e comunicação. São mais imediatistas e ágeis, dominados pela velocidade da tecnologia. São a segunda geração de nativos digitais, não tendo dificuldade de se expor nas redes sociais, compartilhando muitas informações por elas (Pereira, 2020).

A última geração, corresponde a Geração Alfa/Alpha. São crianças nascidas a partir de 2010, ou seja, já nasceram em um mundo altamente conectado e correspondem à terceira geração dos nativos digitais. Capazes de raciocinar de forma rápida, fazendo várias atividades ao mesmo tempo (Pereira, 2020).

Mark McCrindle, o sociólogo que cunhou o termo “Geração Alfa” (McCrindle, 2025), em seu livro “*Generation Alpha*”, coloca que tal geração é primeira a nascer completamente no século XXI, onde a tecnologia e a personalização moldam sua infância. Além disso, ele traz que, devido a pandemia da Covid-19, houve uma transformação no uso da tecnologia, bem como na interação social e na saúde mental. Tal aspecto, de acordo com o autor, é evidenciado quando as crianças adquirem seu *smartphone*, mudando seu comportamento *online* e assumindo suas próprias identidades e responsabilidades, ainda mais tal geração que tem maior acesso à tecnologia, informação e influências externas que as anteriores, principalmente tendo as redes sociais como influentes no desenvolvimento dessa geração (2021).

No seu livro, McCrindle define cinco características para a Geração Alfa: digital; social; global; móvel e visual. Sendo considerados os “nativos digitais”, a tecnologia os acompanha desde seus nascimento, afetando como eles veem, se envolvem e interagem com o mundo, sendo, inclusive, mais conectados socialmente que as gerações anteriores por interagirem com pessoas e culturas ao redor do mundo virtualmente, podendo ter mais flexibilidade em quesito amizade, trabalho e moradia que as gerações precedentes (2021).

Portanto, apesar de não ser possível delimitar exatamente onde que a vida humana e a tecnologia começaram a se desenvolver tão intimamente como se dão atualmente, nota-se que essa intrínseca relação se deu progressivamente, de forma

que os indivíduos que cresceram nos determinados períodos, foram afetados pelas mudanças sociais e culturais causadas também pelo desenvolvimento tecnológico.

5.2 A agressividade sobre a perspectiva psicológica

A agressividade demarca-se pelas experiências sociais ao longo dos séculos durante o desenvolvimento do indivíduo, afinal, ela está inserida na estruturação psíquica do sujeito, ou seja, inerente à natureza humana e pode ser mediada pela linguagem (Ferrari, 2006).

Inicialmente, os aspectos teóricos da agressividade foram estruturados por autores conhecidos dentro da abordagem psicanalítica, como Sigmund Freud e Donalds Woods Winnicott para o desenvolvimento teórico de agressividade na pesquisa.

Sigmund Freud (1856-1939) foi médico e fundador da teoria Psicanalítica, sua personalidade tornou-se uma das mais influentes para a história no campo da Psicologia. Por meio da associação livre, utilizada como via de acesso ao inconsciente, contribuiu para uma nova compreensão do ser humano pela libido como energia motivacional primária, motivada por impulsos e desejos.

Inicialmente, buscou relacionar a agressividade com a manifestação das pulsões, variando tal concepção ao longo do desenvolvimento de sua teoria psicanalítica (Gonçalves; Caropreso, 2022). Sendo assim, primeiramente apresentou a agressão enquanto componente da sexualidade masculina normal, cujo objetivo seria tornar possível a união com um objeto sexual (Freud, 1905). Depois, concedeu à agressividade às pulsões do Eu, enquanto tentativa de aniquilar os objetos fontes de desprazer do indivíduo que produzem uma frustração da satisfação sexual/das necessidades de auto preservação, garantindo assim, a sua sobrevivência (Freud, 1915). Por último, o psicanalista pontuou a existência de uma pulsão agressiva que se manifesta de maneira independente (Freud, 1920).

Já o psicanalista e médico Donald Woods Winnicott (1896-1971) foi um grande influenciador das teorias de desenvolvimento psicológico. Começou a trabalhar com pediatria e psicanálise infantil aos 40 anos, que possibilitou para um contato maior a experiência e construção de suas teorias originais, divergentes das teorias freudianas (Dias, 2000).

Por meio de seu primeiro artigo sobre o tema, “A Agressão e suas Raízes” (1939), Winnicott já expõe a divergência de seu pensamento com o de Freud, expressando que a agressividade não é uma resposta inerente a frustração humana, uma vez que nos primeiros estágios do ser, não há a intenção em ser agressivo, uma vez que o bebê não possui uma racionalidade e nem intencionalidade no ato (1939). Para ele, a agressividade só seria possível após o estabelecimento da “distinção entre o que é eu e o que é não-eu” (Winnicott, 1939).

O discurso psicanalítico por meio dessas duas teorias foi imprescindível para a constatação da origem de manifestações intrapsíquicas, visto pelo comportamento agressivo que enfatiza a concretização do objetivo do projeto e que interligam ao contexto sócio-cultural da atualidade. No que diz respeito às raízes da agressividade, como esperado, os teóricos propõem ideias diferentes.

Em sua obra “A Interpretação dos Sonhos” (1900), Freud coloca a existência de um tipo de sonho em que o sonhador sonha com a morte de um ente querido e isso o abala. Ele relaciona isso a agressividade e hostilidade direcionados a essa pessoa morta, como presentes no contexto edípico, onde a tristeza na verdade estaria relacionada aos pensamentos e sentimentos agressivos e hostis inconscientes que ocasionaram a morte dessa pessoa, que ganham espaço ao dormir, sendo manifestados na forma de sonhos (Freud, 1900).

Ele ainda divide a agressividade presente nesses sonhos em dois grupos: aquela direcionada aos irmãos, enquanto objetos que podem impedir os pais de suprirem as necessidades dos indivíduos; e aquela direcionada ao progenitor do mesmo sexo que a criança, sendo a rivalidade edípica ligação a manifestação das pulsões sexuais (Freud, 1900).

Contudo, segundo a perspectiva de Winnicott (1939), a agressividade não é referente a ausência de afetos, mas a constituição da realidade externa. A questão sobre a relação com o ambiente influencia na reação agressiva, mais a individualidade de cada um é o que torna esta emoção delicada e necessária para o desenvolvimento individual, sendo estas emoções reprimidas com maior tendência a uma violência ou comportamento antissocial, entretanto, aquelas integradas a personalidade forma uma contribuição para os relacionamentos posteriores do convívio social. Assim, a raiz da agressividade se forma pelos instintos nos momentos iniciais de vivência do bebê, que logo pedem por um alívio imediato de suas necessidades, seguido impulsivamente por elas. Com o crescimento, tais

questões passam a ter um significado ao indivíduo pelo amadurecimento e o início da elaboração ao comportamento (Freud, 1900). Portanto, a agressão pode vir de qualquer comportamento da qual carrega a intenção de ferir o outro, seja de maneira física ou verbal (Weiten, 2002).

Independente da perspectiva psicanalítica, ambas consideram a importância do ambiente para a reação gerada, que correlacionam ao contexto-sócio-histórico inserido e que transforma suas formas de expressão a possibilidades inusitadas que agora, não são limitadas ao físico, mas aos meios de comunicação, principalmente por sua peculiaridade de não saber como, quando e onde irá ocorrer (Birman, 2006).

5.3 Agressividade nas diferentes faixas etárias

Sobre as afirmações referentes a agressividade, acrescenta-se a questão de que o início deste comportamento parte de uma desregulação emocional (Dias, 2000; Weiten, 2002), da qual depende de um olhar de compreensão a maneira que é derivada ao indivíduo, assim como na Psicologia o olhar clínico parte de uma premissa aos aspectos biológicos, sociais e ambientais, visando a estruturação familiar que acarretam ao comprometimento na estruturação psíquica infantil (Candrea *et al.*, 2009).

A formação da personalidade da criança tem por grande parte, a influência principal o ambiente familiar (Winnicott, 1939), assim como outros precursores, mas que dado ao ambiente, trarão consequências a sua estruturação psicológica, bem como aspectos relacionais a agressividade (Winnicott, 1939).

A criança obterá seu desenvolvimento moral a partir de obrigações e correções, seja por regras de responsáveis ou imposição do ciclo social, que consolidam o aprendizado pelo certo ou errado dentro de suas responsabilidades. Dessa forma, é perceptível que a agressividade está interiorizada dentro destas condutas pela dificuldade de acatar regras que são obtidas por uma desregulação emocional (Candrea *et al.*, 2009).

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a definição de violência se dá como uso intencional da força física ou poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande probabilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação. Com estes dados, entende-se que este

comportamento apresenta variação entre os gêneros, sendo a taxa de atuação do gênero masculino maior do que a das mulheres (Valença *et al.*, 2010).

5.4 Aspectos da Agressividade em Crianças do Brasil e no Mundo

A agressividade infantil tem se consolidado como uma grande pauta no contexto clínico e constitui uma queixa recorrente nos discursos da sociedade atual (Lins *et al.*, 2012). Neste contexto, a análise clínica deste sintoma foi orientada pelo auxílio do instrumento de classificação diagnóstica no Brasil e no mundo pelo *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (DSM) que possibilitou maior entendimento para a relevância de comportamentos agressivos da criança, principalmente, para as transições sofridas na infância decorrente de novos hábitos e cenários da modernidade que acompanhou as novas edições do material psiquiátrico (Fonseca; Martins, 2023).

Dado isso, a agressividade dentro do contexto tecnológico é um grande demarcador do aumento destas queixas e desencadeantes para um possível transtorno ou indutor destas alterações no nível interpessoal, cognitivo e social.

Após um mapeamento seguido pelo DSM, foi considerado o comportamento agressivo uma característica central a um determinado grupo específico de transtornos. De acordo com Fonseca e Martins (2023), a palavra “agressivo” (*aggressive*) é citada 146 vezes no DSM-5, entretanto, 71 delas eram pertencentes aos grupos de “Transtorno disruptivos, de controle e de impulso e de conduta” (Fonseca; Martins, 2023).

É fundamental que a temática referente à tecnologia e comportamento agressivo seja mais elaborada e estudada para a concretização de dados seguida desta interação de ambas as vertentes, entretanto, é inegável que a apresentação de estímulos eletrônicos cada vez mais cedo traga uma influência ao cuidado familiar e ao processo de amadurecimento em formação da criança, que ocasiona então, uma reflexão acerca da problemática cada vez mais frequente dentro dos contextos familiares e clínicos.

6 HISTORICIDADE DAS TELAS

Em um contexto onde a tecnologia tem conquistado cada dia mais espaço na sociedade, é importante identificar quando foi que essa inovação se apresentou de fato para os homens e porque ela tem impactado tanto nas relações sociais. Para isso, será apresentado uma breve história da tecnologia, com o intuito de analisar a rápida mudança de cenário desde as grandes máquinas, até os pequenos aparelhos eletrônicos que são encontrados sobre o domínio de todos presentes na sociedade.

A tecnologia, segundo os dicionários, tem como descrição, o estudo sistemático sobre as técnicas, os processos, os métodos, os meios e os instrumentos de um ou mais ofícios ou domínios da atividade humana, como a indústria e a ciência. O desenvolvimento tecnológico iniciou-se através da Revolução Industrial, que ocorreu na Inglaterra, a fim de facilitar o trabalho humano, onde o trabalho braçal foi substituído por máquinas (Cavalcante, 2011). Assim, através dela surgiu a primeira geração dos computadores eletrônicos, que diferente dos atuais, eram gigantes e utilizavam muita energia. Somente na terceira geração que os computadores passaram a ser utilizados de forma pessoal e após um grande desenvolvimento da tecnologia, precisamente na década de 90, chegaram ao que se conhece na atualidade, em menor tamanho e com maior velocidade nos processamentos de informações, além disso, surgem os softwares integrados e a partir da virada do milênio, começam a surgir os computadores de mão, os *smartphones*, *iPod*, *iPad* e *tablets*, que incluem conexão móvel com navegação na web, também conhecidos como as “telas”, que está cada dia mais presente na sociedade, até as mais novas gerações (Souza, 2020).

É notório, que algumas tecnologias podem alterar significativamente o modo de ser do sujeito, pois a miniaturização dos aparelhos eletrônicos e a interligação das diversas redes de comunicação, transmite um sentimento de estar onipresente, que se dá devido a possibilidade de estar conectado em diversos espaços simultaneamente (Pellandra, 2003). Assim, tudo está conectado, as pessoas, os espaços e a tecnologia, permitindo uma mobilidade, que transforma as pessoas em “portáteis”, sempre conectados, em tudo e em todos os lugares (Costa, 2002). Essa acessibilidade de forma tão prática, tem tornado o mundo cada dia mais digital e conseqüentemente mais dependente dessa tecnologia que tem impactado frequentemente as gerações.

Diante disso, compreende-se que a tecnologia não apenas transformou os meios de produção e comunicação, como também o modo de relacionamento dos indivíduos, assim como sua interação com o mundo. Ou seja, ao mesmo tempo em que promove avanços e facilita a vida cotidiana, também gera novas formas de dependência e desafios sociais. Portanto, é necessário a conscientização sobre o tema, refletindo sobre seus impactos e desafios, a fim de fazer o uso de forma mais equilibrada e saudável, mantendo, assim, os valores humanos e a boa socialização no meio comum.

6.1 Autores que escreveram sobre as telas

Manuel Castells é um importante nome ao citar tecnologia, isso porque é o autor da obra “Sociedade em rede” (1999), que relata sobre a era da informação, o prólogo da obra fala sobre a rede e o ser, em que é afirmado que a fragmentação social se propaga gerando situações que desestruturam os movimentos sociais e ainda, que o fenômeno de informações é irreversível, onde tudo é possível e justificado devido ao mercado, tornando o ser sem identidade, sem base de princípios e valores coerentes (Pinheiro, 2000). Castells afirma que a rede impacta o homem de forma clara e que os transforma de acordo com a tecnologia e a informação, que são fortes estruturas sociais.

Outros nomes importantes são Brand e Renner (2012), que descreveram sobre fronteiras e limites das telas, em relação ao acesso exacerbado das crianças, desde muito novas, aos meios de comunicação. Ambos afirmam que as crianças estão desenvolvendo esses vícios devido ao exemplo dos pais, que em muitos momentos deixam de se comunicar presencialmente para dar espaço as mídias sociais ou ainda aqueles que trabalham horas e horas na frente das telas, ou seja, atitudes impensadas e executadas inocentemente, mas que para uma criança em formação, torna-se ensinamento e junto dele, vício desde muito pequeno (Maziero; Ribeiro; Reis, 2016).

Tal uso da tecnologia durante a infância, prejudica a expressão dos sentimentos, desejos e aflições pelas crianças, uma vez que se encontram cada vez mais isoladas da sociedade, já que a tecnologia os preenche em diversos âmbitos (Maziero, 2016). Assim, o brincar, ou seja, a principal forma da criança se desenvolver, aprender e se relacionar com o mundo, pode ser prejudicado, uma vez

que a tecnologia, principalmente as telas, limitam a brincadeira impedindo o livre brincar que promove o desenvolvimento das habilidades cognitivas, afetivas e motoras por meio da criação, exploração e socialização (Kishimoto, 2002).

6.2 Países e o acesso à tecnologia

Segundo revisões bibliográficas, pode -se afirmar que o acesso à tecnologia por crianças, não é o mesmo. De acordo com o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) e da União Internacional de Telecomunicações (ITU), dois terços das crianças e adolescentes em idade escolar, no mundo, não têm acesso à internet em suas casas. Há quem problematize tal situação, afirmando que essa parte da população tem se tornado isolada, gerando uma desigualdade em relação aos que possuem acesso, dado as oportunidades que a tecnologia oferece aos usuários.

No Brasil, a porcentagem de crianças e adolescentes que não acessam a internet caiu de 14% em 2018 para 11% em 2019. Em 2023, 84,9% do grupo etário de 10 a 13 anos está inserido no meio tecnológico e mais da metade possuem celular (54,8%), confirmando assim, que as últimas gerações estão se tornando cada dia mais tecnológica, ao ponto de até os mais novos já saberem lidar com os aparelhos móveis e se satisfazerem com o que as redes podem lhe proporcionar. É válido ressaltar que a falta de acesso, muitas vezes não está ligado a preservação dessas crianças, mas sim a falta de condições que os cuidadores apresentam, isso mostra que ainda não há uma preocupação por parte dos responsáveis em relação aos impactos que são causados pelo uso frequente da tecnologia e todos os danos que podem gerar.

Isso se confirma através dos dados a seguir, onde quase um terço das meninas (31%) e um quarto dos meninos (24%) foram tratados de forma ofensiva na internet, 12% tinham entre 9 e 10 anos, isso sem apresentar conteúdos ainda mais sérios, como os sexuais (CETIC.BR, 2020). Ainda que haja uma orientação por parte dos pais, é visível que as crianças percebem que as redes sociais, acessadas através das telas, não possuem um limite e assim se sentem livres para buscar toda e qualquer informação.

6.3 Tecnologias mais utilizadas pela população brasileira

Dentre todas as tecnologias já desenvolvidas ao longo da história, a população brasileira apresenta preferência pelo uso dos celulares (98,9%), seguida pela televisão (47,5%), computador (35,5%) e tablet (7,6%). O uso exacerbado da tecnologia, chega em 87,2% dos brasileiros, apresentando alterações também no crescimento entre as pessoas com 60 anos ou mais, que em 2022 chegou a 62,1% de usuários. Os números são da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD) – Tecnologia da Informação e Comunicação 2022 (IBGE, 2023).

Segundo a PNAD (IBGE, 2023), 93,4% dos usuários usavam internet todos os dias e apenas 0,7% usavam menos do que uma vez por semana e os principais motivos para tamanho uso da internet no Brasil são conversar por chamadas de voz ou vídeo (94,4%), enviar ou receber mensagens de texto, voz ou imagens (92%) e assistir a vídeos (88,3%). Há também o uso da tecnologia em relação a realidade aumentada, por meio de QR Code, Inteligência Artificial (IA) e computação quântica (Rodrigues, 2016).

Sendo assim, é notório o quanto a tecnologia está inserida no cotidiano brasileiro, como uma das principais formas de interação social e busca de informações, não apenas com os mais jovens, como a Geração Alfa, mas também com os mais idosos. Nesse cenário, é possível observar a expansão digital que se desloca de um uso comunicacional para a inovação da inteligência artificial e a computação quântica, o que evidencia uma sociedade cada vez mais marcada pelo acesso à tecnologia e suas inovações, transformando as diferentes dimensões da vida, como a social, cultural e econômica.

7 IMPACTO DA DEPENDÊNCIA DAS TELAS

Um possível prognóstico já mencionado por McLuhan (1974, p. 85) expõe ao comportamento humano frente às relações por intermédio de equipamentos tecnológicos, incitando a consequências psíquicas e comportamentais: “Uma extensão tecnológica de nossos corpos, projetada para aliviar o stress físico, pode produzir um stress psíquico muito mais grave”. Assim, entende-se que a eficiência tecnológica mesmo em sua constante evolução como facilitadora e informativa ao indivíduo, também pode inevitavelmente tornar-se a propulsora de patologias e comportamentos disfuncionais.

Os primeiros sinais de um uso problemático pela tecnologia contribuíram para o primeiro estudo sobre dependência da internet pela psicóloga americana Kimberly Young em 1996, dando como porta de entrada a novas pesquisas e futuramente a um novo campo de estudo (Young; Abreu, 2018, p. 1). Assim, a pesquisadora desenvolveu o primeiro questionário para medida de avaliação chamado *Internet Addiction Diagnostic Questionnaire* (IADQ) contendo os seguintes critérios: preocupação excessiva com a internet; necessidade exacerbada de uso; tentativas de evitar o hábito frustradas; tempo online além do necessário; relacionamentos prejudicados pela internet; mentir para esconder o uso da internet e uso dela como meio para fuga dos problemas (Mora-Unipampa *et al.*, 2018). As informações acrescentaram ao reconhecimento do vício pela American Psychological Association, mas que ainda não há reconhecimento pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) (Young; Abreu, 2018, p. 3). Proveniente disto, as pesquisas se transformaram em dados estatísticos correspondentes ao número crescente de usuários *online* na internet e o quão enraizada se está na rotina atualmente, onde abre uma nova questão de “quem não estaria online”, pois segundo a *Pew Research Center* (Madden; Lenhart; Duggan, 2013) nos Estados Unidos 78% dos adolescentes têm celular e quase metade (47%) possuem smartphones, é constatado também que um em cada quatro adolescentes (23%) tem tablet, um nível comparável ao da população adulta no geral e nove em cada dez (93%) adolescentes têm computador ou acesso a algum em casa.

Dessa forma, ainda que a tecnologia e o acesso às mídias sociais auxiliem muito no contato com a informação, é notório o impacto significativo que o risco de dependência gera à saúde mental e o desenvolvimento do comportamento social.

Portanto, é necessário refletir sobre os limites de uso e estabelecer pontos que os tornam funcionais ou disfuncionais, a fim de conscientizar a população a usufruir da tecnologia de maneira benéfica, sem comprometer seu bem estar individual e social.

7.1 O mal uso das telas

Atualmente, o impacto proveniente de uma rápida proliferação do mundo digital modificou a vida de todos os seres atuantes em sociedade, mas aqueles que podem ser considerados como alvo principal são crianças e jovens em fase desenvolvimento, pois são afetadas para além dos novos meios de comunicação, mas a um novo formato de educação, entretenimento e comportamento. Com isso, seu meio ambiental e educacional será inevitavelmente influenciado por novos estímulos de uma tela interativa que trará impacto direto em seu desenvolvimento cerebral, e consequentemente, na formação de sua personalidade e comportamento.

Segundo Crespi, Noro e Nóbile (2020, p. 1521) “a interação entre os fatores biológicos e as condições ambientais, como as relações sociais, os vínculos afetuosos, os estímulos, a rotina de sono, a alimentação adequada e a atenção à saúde constituem a base do desenvolvimento humano, fomentando novas aprendizagens”. Sendo assim, os impactos desta combinação entre desenvolvimento infantil e manuseio tecnológico podem ser evidenciados em pesquisas neuropsicológicas, onde apresentam resultados sobre o uso excessivo da internet e em como sua dependência está diretamente ligada a alterações funcionais do cérebro, envolvendo alterações nas partes do córtex pré-frontal e em regiões corticais e subcorticais, há também possíveis alterações em estruturas cerebrais que afetam funções executivas relacionadas ao planejamento e raciocínio do indivíduo que podem significar o aumento no risco de impulsividade, como o uso exacerbado da internet. (Young; Abreu, 2018, p. 2).

Dado isso, é plausível compreender esta fase de amadurecimento e de neurodesenvolvimento como dependente dos estímulos físicos e sociais que pertencem ao meio inserido. Cabe então aos pais e profissionais presentes na vida de cada criança e adolescente a carregar a responsabilidade de transmitir aspectos saudáveis por cuidados específicos perante o uso problemático da tecnologia, desenvolvendo diretrizes para um bom manuseio, seja no ambiente educacional, social ou pessoal (Young; Abreu, 2018, p. 8). Entretanto, o uso saudável ainda é um

questionamento na atualidade, visto que o acesso à internet é por quase toda a população, e por isso, torna a fundamentação de diretrizes do que fazer ou não um grande desafio para todos, em parte por ser um comportamento cultural aceitável, mas que torna o grande problema camuflado pelo tempo de uso e entretenimento cada vez maior e mais chamativo, no que resulta em pouco reconhecimento dos agravantes da situação ou até mesmo imperceptível aos mais alienados.

A ausência do reconhecimento pelo uso problemático da internet pode acarretar em questões ainda maiores nas futuras gerações, entre elas, a Geração Alfa e Beta por já nascerem pertencentes a um mundo 100% digital e que, atualmente, trazem comprometimentos significativos em seu físico, psicológico e/ou social, mas sem uma identificação do problema, pois ainda não é visto como obstáculo para a saúde pública, haverá então um atraso nas possíveis intervenções, seja pelos pais ou responsáveis, professores, profissionais e nos planos governamentais (Young; Abreu, 2018, p. 10). Levando isso em conta, a falta de um diagnóstico preciso de comportamentos disfuncionais é resultado desta lacuna no reconhecimento do problema, que leva a um baixo investimento em pesquisas e carência de infraestrutura clínica, onde as soluções sobradas tornam-se em “tratamentos” cobrados, mas com resultados imprecisos e evidências médicas e psiquiátricas específicas, fazendo deste critério diagnóstico ainda mais invisível (Young; Abreu, 2018, p. 11).

Esse cenário evidencia uma necessidade de atenção redobrada dos cuidadores, mas também da sociedade como um todo, que se torna exemplo das crianças e adolescentes, pois o impacto da tecnologia sobre eles envolvem aspectos cognitivos, comportamentais e sociais. Portanto, o reconhecimento dos riscos de uso problemático da internet deve ser um potencial na busca de estratégias interventivas para proteger as novas gerações, uma vez que, torna-se fator de risco quando utilizados de forma excessiva e sem acompanhamento.

7.2 Os *smartphones* e seus impactos sobre o desenvolvimento infantil

Atualmente, os comportamentos disfuncionais são frutos de um uso tecnológico exacerbado, devido a uma introdução de fácil acesso pelos dispositivos móveis, os *smartphones*. Essa nova fonte de tecnologia inovadora é considerada como “pequeno computador” devido a variada funcionalidade, como agenda, câmera

fotográfica, contatos e ligações, *e-mails*, calculadora e entre outros. Segundo os autores Caracol, Alturas e Martins (2019) muitas pessoas estão bastante dependentes do smartphone, na medida em que a primeira coisa que fazem quando acordam e a última que fazem quando vão dormir é utilizarem o smartphone nas mais variadíssimas tarefas. A facilidade do acesso as multitarefas estando na palma da mão são associadas a uma mudança nas rotinas e no cotidiano, fazendo com que provoque a longo prazo uma alteração comportamental e resulta num possível vício e obsessão, ou até mesmo em distúrbios psicológicos, adentrando em um ciclo vicioso de um manuseio excessivo e dependente (Caracol; Alturas; Martins, 2019). Sendo assim, é provável uma grande semelhança dos problemas físicos e psicossociais da dependência de smartphone com a dependência de internet são associados ao modo de uso (Young; Abreu, 2018, p. 32).

O número de usuários tem se tornado algo crescente no decorrer dos anos pois segundo a Agência Nacional de Telecomunicações (ANATEL) com os dados de 2014 no Brasil eram contabilizados mais celulares do que pessoas no mundo, com aproximadamente 273,58 milhões de aparelhos com densidade de 1,3 linhas por habitantes (Coutinho, 2014). Também foi constatado por dados brasileiros uma ascensão de vendas de *smartphones* em 2013, correspondendo a 154 milhões, e ainda dentro da perspectiva brasileira, de 29,7 milhões de crianças e adolescentes na faixa etária de 9 e 17 anos de idade, 80% delas têm acesso à internet (Finotti *et al.*, 2018).

Os sintomas desta dependência comportamental já foram considerados como hipótese diagnóstica pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) em sua quinta versão, pois a perda de controle de um comportamento é característica de um possível transtorno que leva a uma repetição e causa a dependência (Young; Abreu, 2018, p. 33).

Mesmo com os inúmeros benefícios da tecnologia, os dados apresentados acima e estudos compartilhados demonstram diversos fatores de risco que impactam no desenvolvimento infantil e juvenil. Segundo Young e Abreu (2018), os fatores de risco são apresentados na seguinte forma: fatores sociodemográficos; fatores psicológicos e fatores familiares.

Os fatores sociodemográficos classificam uma maior facilidade do uso da tecnologia pela geração mais jovem do que adultos por fatores físicos, como uma maior destreza manual. Ainda em pesquisas, há uma maior probabilidade do uso

dependente em mulheres do que homens referentes a utilização de ferramentas diferenciando ao sexo oposto e gerando tal influência (Young; Abreu, 2018, p. 35).

É postulado por fatores psicológicos uma exposição de fenômenos emocionais negativos pelo uso de dispositivos eletrônicos em jovens, como o estresse, solidão, ansiedade, depressão e raiva (Young; Abreu, 2018, p. 36). Os comportamentos negativos como resultados destas emoções podem ser associados a baixa eficiência de autorregulação que provém de comportamentos impulsivos e arriscados que são gerados pela maior facilidade e frequência do uso de *smartphones* e o acesso *online*, transferindo o mundo de anonimato ao comportamento agressivo na realidade (Young; Abreu, 2018, p. 37). Segundo Kimberly (2018, p. 38), "portanto, o comportamento agressivo *online* pode acabar sendo transferido para o mundo real e ter consequências negativas acentuadas tanto para o indivíduo dependente como para suas relações interpessoais *online* e *offline*." Principalmente, a fase de desenvolvimento infantil é de grande risco aos comportamentos considerados problemáticos, pois seu controle cognitivo ainda não é totalmente desenvolvido (Young; Abreu, 2018, p. 38).

Os fatores familiares podem ser um dos pontos mais prejudicados pelo aparelho, impactando nas relações dos responsáveis que ao mesmo tempo, dependem da tecnologia, seja para trabalho ou pessoal, mas tem o dever de impor limites e endossar os valores sociais a criança e adolescente. A ausência de uma imposição de limites ou intervenção podem acarretar uso problemático ou malefícios no comportamento e na saúde dos usuários, tornando-as vítimas vulneráveis ao mundo cibernético (Young; Abreu, 2018, p. 38). Sendo assim, o estímulo positivo de uma nova capacidade de autocontrole e uso consciente devem ser geridos por pais, responsáveis, professores e profissionais que são pertencentes ao mundo e convívio do menor, e assim, segundo Kimberly (2018, p. 44) buscar ajuda na presença dos seguintes sinais: verificação frequente do celular sem motivo; sinais de ansiedade e agitação; preferir passar tempo *online* ao interagir socialmente; noites de sono interrompidas pelo uso do celular; diminuição no desempenho acadêmico e distração com diferentes aplicativos.

Com base nas evidências, a temática da dependência digital permitiu por estudos e pesquisas a comprovação de que seu uso em excesso e descuido da fiscalização por responsáveis pode refletir no impacto do bem-estar físico, psicológico e social de crianças e adolescentes. É necessário que se encontre um

equilíbrio do uso, pois a ausência da tecnologia não é uma possibilidade e muito menos uma solução, mas sim, deve ser reconhecida como uma fonte necessária para questões profissionais e pessoais, assim como o entretenimento e informação por aparelhos tecnológicos torna a escolha offline uma via impossível (Rocha *et al.*, 2015). Entretanto, a falta de entendimento e informação de que as consequências desta dependência são agravantes a uma boa qualidade de vida põe em risco a saúde física e mental de qualquer usuário, mas em especial, as crianças que estão crescendo junto ao risco. Cabe a todos uma maior conscientização e um aprimoramento de pesquisas e dados científicos como prova de que este problema deve vir à tona como saúde pública e dever de todos para a busca de soluções diárias que facilitem na melhor qualidade de vida de crianças e adolescentes em desenvolvimento na era tecnológica.

7.3 Impactos cognitivos do uso excessivo das tecnologias

É fato que as últimas gerações nasceram na era digital. Os chamados “nativos digitais”, correspondem às crianças que nasceram depois do surgimento da internet e que, conseqüentemente, acompanharam seu avanço. Tal avanço ocasionou, como já foi dito, na utilização de dispositivos portáteis que podem ser acessados facilmente, apresentando as informações “na palma da mão” (McCrindle, 2021).

Essas novas e práticas maneiras de adquirir a informação produziu efeitos nas estruturas cerebrais dos jovens, ocasionando, por exemplo, na mudança do processamento cognitivo de informações; no escaneamento rápido; nas funções de contemplação e até na consolidação da memória. (Young; Abreu, 2018). Os autores denominaram este fenômeno de “cognição digital”, ou seja, um “produto de atividades mentais conscientes executadas por uma pessoa (...) diretamente afetado pelo uso excessivo de tecnologia.” (Young; Abreu, 2018) que fomenta novas formas de se viver e pensar, utilizando diferentes recursos de funcionamento mental que, uma vez em excesso, impedem o avanço cognitivo. A maturação cerebral, representante de tal avanço, ocorre nas esferas do cérebro.

À medida que os indivíduos experienciam o mundo ocorre o aumento das conexões. Neurobiologicamente, ocorre uma modificação na quantidade de substância branca e de substância cinzenta que compõem o cérebro humano.

Ocorre um aumento da substância branca, correspondente ao processo de mielinização, a comunicação entre os neurônios. Essa neuroplasticidade, aumenta a capacidade de execução de diversas tarefas cognitivas, tais como o julgamento, interações sociais e planejamento de longo prazo (Baron; Hoekstra, 2010). Contudo, há uma diminuição de substância cinzenta, causada pela eliminação seletiva – processo que ocorre na adolescência, posterior a expansão dela que ocorre até a puberdade e se estabiliza na fase adulta (Simons; Lyons, 2013).

A partir desse desenvolvimento, ocorre o amadurecimento de outras áreas do cérebro responsáveis, por exemplo, pela regulação emocional dos adolescentes. Nos primeiros anos de vida, o sistema límbico, mais precisamente as amígdalas cerebrais, realizam o estabelecimento emocional das experiências até majoritariamente a adolescência, reportando as emoções, situações de luta ou fuga e perigos eminentes do meio e encabeçando o disparo das emoções. No cérebro dos mamíferos, essas estruturas são responsáveis pela procura de novos ambientes para caça, habitação e acasalamento. Nos adolescentes essa postura de exploração e diferenciação do grupo, se configura no compartilhamento de eventos e opiniões nas redes sociais, por exemplo (Young; Abreu, 2018).

Outra estrutura responsável pelo controle emocional e regulação comportamental é o córtex cerebral. Sua função é complexificar e equilibrar as emoções originadas nas amígdalas do sistema límbico. Juntos, eles respondem emocionalmente ao ambiente, além de planejarem as ações (Butman; Allegri, 2001). Contudo, o desenvolvimento biológico destas e outras estruturas, só ocorre de forma apropriado se o indivíduo estiver inserido em um ambiente que favoreça conexões que propiciem um desenvolvimento cognitivo adequado, incluindo a cognição social, ou seja, “o processo que orienta condutas frente a outros indivíduos da mesma espécie” (Butman; Allegri, 2001). Dentre as condutas, destaca-se o autocontrole.

O autocontrole diz respeito a “habilidade de controlar e inibir as respostas” (Young; Abreu, 2018), isso a partir da interpretação da “reação imediata (...) do interlocutor, observação acurada das pistas que sinalizam a situação deste, especialmente as não verbais (...) e para linguísticas, tomada de perspectiva e disposição para ouvir” (Pavarino; Del Prette; Del Prette, 2005). Muitas vezes, também envolvem a abnegação do que se deseja fazer, ocasionando em uma frustração em prol do bom convívio social.

A presença de tal frustração leva a busca por recompensas que busquem

suprir a tensão gerada, podendo gerar uma dependência do recurso que disponibiliza tal recompensa para evitar ou diminuir a tensão causada pela não obtenção do que se desejou. Constatou-se que indivíduos dependentes de internet, são reforçados pelas recompensas instantâneas que suas decisões nesta ocasionam, mesmo quando tais decisões causam perdas ou pequenas possibilidades de sucesso e ganho, por exemplo, em jogos virtuais. Isso evidencia que: os indivíduos sentem satisfação mesmo diante da perda ou do não ganho, reforçando o comportamento de dependência pelo condicionamento; e a existência de “uma ligação importante entre o uso excessivo de internet e habilidades comprometidas de processamento de recompensas e de autocontrole” (Loh; Kanai, 2016). Essas alterações nos mecanismos de autocontrole.

Portanto, a alta exposição às telas, sobretudo a dispositivos individuais como celulares e *tablets*, e jogos *online*, prejudicam o desenvolvimento de habilidades cognitivas, principalmente no período da infância e adolescência, onde o cérebro está em desenvolvimento. Tais alterações podem gerar um déficit na habilidade de autocontrole, ocasionando em uma baixa no limiar de frustração causando uma tensão que, para ser suprida, as crianças e jovens buscarão recompensas imediatas através da tecnologia, podendo ocasionar até mesmo em vícios sobre seu uso.

7.4 Síndrome por Uso Problemático de Mídias Interativas (PIMU)

O desenvolvimento do trabalho da psicóloga americana Kimberly Sue Young O'Mara e especialista no comportamento online e uso compulsivo da internet desenvolveu em seu livro “Dependência de Internet em crianças e adolescentes - fatores de risco, avaliação e tratamento” um método de pesquisa como critério de avaliação a investigação dos sinais e sintomas resultantes do uso dependente da internet, posto sua definição como síndrome por “uso problemático de mídias interativas” (PIMU), assim como a descrição de comportamentos caracterizados pelo uso compulsivo com maior tendência a reações negativas. Segundo Kimberly (2018, p. 13) a consequência do uso leva ao comprometimento de funções físicas, mentais, cognitivas e sociais do indivíduo. Entretanto, os critérios desenvolvidos não são utilizados para diagnóstico, mas a junção dos sintomas manifestados pelo ambiente da interação tecnológica contribui ao encontro de alguns pacientes que requer o diagnóstico psiquiátrico e tratamento, por isso, o PIM tem como consequência esta

correlação entre os traços psicológicos e pessoais do indivíduo na medida em que a interação do ambiente externo acontece (Young; Abreu, 2018, p. 13).

Em seu método de avaliação, o histórico do paciente influencia diretamente no desenvolvimento do PIMU, sendo assim, dados médicos, psicológicos, pessoais e intervenções anteriores são de suma importância para a valorização deste momento de conversa com os pais e o paciente sobre as respectivas preocupações e detalhes de sua história pessoal, onde qualquer sinal de perigo iminente sobre a segurança do indivíduo deve ser trabalhada com prioridade e eficácia, acima de qualquer outro planejamento de tratamento (Young; Abreu, 2018, p. 14). Dentro desta temática, há duas dificuldades presentes no PIMU: a primeira vem da abstinência completa das mídias interativas, pois estão completamente integradas no mundo externo e torna ainda mais difícil o reconhecimento problemático ou patológico no uso dos jovens devido a utilização para entretenimento, ensino ou aprendizagem, tornando a conscientização nesta idade um desafio. A segunda dificuldade ainda está conectada nas questões do mundo juvenil pelo valor pessoal e simbólico de se estar ativo nas redes ou ter um aparelho móvel que carrega a marca de autonomia e independência. Por isso, pacientes jovens com suspeita de PIMU são levados contra sua vontade, como sinal de rebeldia e falta de colaboração, pois o “corte” desta liberdade levanta um tom de restringimento e proibição de seus responsáveis, o que acaba por impedir sua tão valiosa interação virtual (Young; Abreu, 2018, p. 15).

Na avaliação, deve-se obter informações importantes no momento de mudanças comportamentais, como a decadência no desempenho acadêmico, noites disfuncionais de sono, sintomas depressivos, problemas de atenção e entre outros (Young; Abreu, 2018, p. 16). No contexto familiar, deve ser explorado o seu funcionamento e a dinâmica presente nas relações pertencentes, como os papéis desempenhados por cada um, assim como nos casos de guarda compartilhada, imposição de limites e histórico familiar de transtornos afetivos ou doenças mentais. Os aspectos familiares tendem a mudar nas respostas ao PIMU, dependendo do uso de mídia frequente ou rígida para cada membro na família, avaliando o impacto disto nas reações comportamentais no paciente (Young; Abreu, 2018, p. 16). É importante e válido ressaltar que após a conversa inicial, uma conversa privada com o paciente para uma escuta ativa e empática de sua história, atraindo para uma melhor relação clínica e que compartilhe mais informações comportamentais referentes ao PIMU

(Young; Abreu, 2018, p. 16).

O uso presente destas mídias deve ser descrito detalhadamente em frequência de uso, a duração e hora do dia, assim como o contexto do uso para melhor clareza de rotina e disponibilidade *online*. Segundo Kimberly (2018, p. 17) as características-chave a serem avaliadas dentro deste aspecto são abordadas pela preocupação com uso de mídias interativas, a maior tolerância, a incapacidade de controlar comportamentos do PIMU, o comprometimento social, acadêmico e/ou psicológico, a impulsividade, sintomas de disforia e abstinência, ansiedade e/ou irritabilidade. O uso do PIMU contribui para aliviar os sentimentos de ansiedade, culpa, solidão ou depressão.

Nesta avaliação, o comportamento do profissional clínico não deve assumir uma postura punitiva ou interrogatória, mas como investigador das áreas que trazem desconforto ao paciente, o que ajuda a estabelecer um bom *rapport* terapêutico, e logo em seguida buscar condições propensas no histórico médico a um certo estilo de comportamento, seja uma mudança concreta na saúde física ou disfunção psicológica para melhor entendimento do grau de severidade do PIMU e os impactos causados em suas vidas, concentrando nos riscos comprometidos ao domínio básico do jovem em consequência do PIMU, sendo eles o autocuidado, a produtividade e relacionamentos (Young; Abreu, 2018, p. 18). É importante também a avaliação de um profissional médico ou da área da saúde em casos que demandem essa ajuda ou de urgência maior.

Durante a entrevista, deve ser observado além de sintomas físicos e psíquicos, mas expressões, falas e gestos corporais que denunciam algo além do que é descrito, seja pelo grau de cooperação com o paciente, contato visual e atividades psicomotoras. Assim como na fala, os pensamentos intrusivos, percepções anormais, ilusões ou pensamentos que demonstram risco a si mesmo ou o outro (Young; Abreu, 2018, p. 20).

Na avaliação final, é necessário mais de um encontro e visitas para a concretização de todos os dados relevantes do caso, mas dado a ausência de um diagnóstico unificado nesta pauta, a junção de todas as evidências contribui apenas para a formação do diagnóstico médico e psiquiátrico, onde integrará todas as circunstâncias pertencentes ao histórico coletado na construção de um tratamento individualizado pela equipe clínica que atenda a demanda pessoal e familiar de cada paciente (Young; Abreu, 2018, p. 20).

O tratamento para os problemas subjacentes ao PIMU carrega a necessidade de uma equipe multidisciplinar para o desenvolvimento e implementação de um tratamento específico, pois cada caso carrega sua singularidade e necessidade. Segundo Kimberly (2018, p. 21) inclui a fala de profissionais médicos, psiquiatras, psicólogos, serviço social clínico, orientação educacional e entre outros, com comunicação permanente.

O tratamento só se torna eficaz quando é carregado de educação, pois enfrentar uma luta onde o inimigo é onipotente e onipresente em todos os aspectos sociais do paciente e faz com que a batalha já esteja perdida. Com isso, é de suma importância o desenvolvimento de ferramentas que ajudem no uso consciente e focado para um objetivo específico, seja para estudo ou entretenimento, mas que não proíbam ou tenham abstinência e deixando ainda mais difícil. É necessária uma conversa clara e aberta com todos os envolvidos para que o plano de tratamento seja explicitamente entendido, fortalecendo uma relação com a equipe ainda mais positiva e de confiança no desenvolvimento de um mapa compartilhado para a recuperação (Young; Abreu, 2018, p. 21). Os riscos e dificuldades devem ser esclarecidos pelo profissional para que a mudança seja provida, mas que evite o sentimento de punição e evoque empatia e esperança, trazendo mais confiança ao paciente no confronto de comportamentos compulsivos. Os pontos esclarecidos fornecerão ao paciente a autoconscientização e percepção dos próprios comportamentos, sentimentos assim como suas consequências (Young; Abreu, 2018, p. 21).

Para uma modificação comportamental eficaz, a psicoterapia expõe grandes resultados de melhora na dimensão pessoal do paciente, pois a possibilidade de uma fala livre acompanhada de uma escuta atenta e empática, embasada num bom vínculo que é estabelecido pela relação terapêutica, permite o desenvolvimento de maior conscientização das suas emoções, pensamentos e construção de novas significações e percepções pessoais, que resulta na mudança comportamental (Fernandes; Maia, 2008, p. 48). Independente da abordagem utilizada, a Teoria Cognitivo Comportamental (TCC) como uma das modalidades considerada padrão-ouro de tratamento psicoterapêutico, contribui ao PIMU ajuda os pacientes para uma mudança mais duradoura referente a modificação das crenças disfuncionais e pensamentos automáticos, assim como já tem demonstrado grande sucesso em tratamento de transtornos psiquiátricos como ansiedade e depressão

(Beck, 2013). Além disso, deve-se priorizar uma implementação de guia de atividades acompanhadas pelo profissional ao paciente e seus familiares como auxílio na melhora de comportamentos, entre eles uma lista de interesses para além do mundo virtual (reforçando suas virtudes pessoais e interação social), calendários para controle de horas e momentos do dia com a mídia (facilita na identificação de gatilhos, nos contextos eliciadores e comportamentos disfuncionais e verificar efetividade do tratamento), criação de uma lista com pontos funcionais e disfuncionais sobre o uso *online* (traz limite ao uso desnecessário e disfuncional), principalmente a formação de um roteiro mental ao momento que acontece pensamentos ou comportamentos que afetem ao tratamento (Young; Abreu, 2018, p. 23).

O objetivo deste tratamento é a busca pela intervenção ideal a cada paciente, e por meio dele identificar, cuidar e prevenir para que os sintomas e sinais provenientes do PIMU sejam restabelecidos a um novo modelo físico e cognitivo saudável a vida dos jovens que buscam pela reabilitação do problema, para que forneça qualidade a um novo estilo de vida reconstruído com base nos valores e reconexão consigo mesmo. Para que os cuidados sejam realizados de forma efetiva, o fornecimento de informações e ferramentas aos atuantes na vida dos jovens, como responsáveis, professores, psicólogos, pediatras e outros necessitam de uma construção no sistema de cuidados, especialmente por carregar o dever maior do reconhecimento de possíveis riscos a esta fase de desenvolvimento (Young; Abreu, 2018, p. 25). Assim, serão criadas formas de orientação para estratégias de tratamento que são emergenciais na Era tecnológica.

8 O PAPEL DO PSICÓLOGO

Até o momento, não existe uma categoria específica para o uso excessivo de telas ou *internet* (Otto; Kirschner; Grusser, 2022). Isso indica, que a Psicologia tem trabalhado com conceitos e critérios adaptativos, ou seja, reconhece o sofrimento associado ao uso exacerbado de telas, mas sem um diagnóstico específico da manifestação desse uso (Riego; Souza, 2022). Assim, ainda que na 11ª revisão da Classificação Internacional de Doenças (CID-11 – sistema estipulado pela Organização Mundial da Saúde - OMS) exista a classificação de transtornos como o uso problemático de jogos eletrônicos 6C51 (“Gaming disorder”) e QE22 (“*Hazardous gaming*”), existe a demanda de uma categoria específica para o uso problemático das mídias (Otto; Kirschner; Grusser, 2022).

Ainda assim, o profissional de Psicologia pode atuar como mediador da escola e da família contra o uso exacerbado da tecnologia pelas crianças e, neste caso, orientar a limitar o contato com os dispositivos e auxiliar para que acessem conteúdos adequados para a faixa etária, tornando-o assim um ser mais saudável e equilibrado (Da Silva, 2025). Além disso, o Psicólogo pode orientar os pais sobre os prejuízos causados pelo uso excessivo de telas, como desregulação emocional, descontrole nos aspectos físicos, sociais e cognitivos que impactam diretamente na formação da personalidade da criança e consequentemente a torna mais vulnerável ao vício das telas.

Para trabalhar a saúde mental de crianças, é de extrema importância investigar sobre o histórico familiar e as relações intrafamiliares (Young; Abreu, 2018) e com isso, fazer intervenções eficazes baseadas nas queixas que surgem através delas (Han *et al.*, 2012). A ferramenta IMPROVE se apresenta como um auxílio para os terapeutas reunirem a história psicossocial do paciente e de sua família em um curto período (Young; Abreu, 2018).

Sua contribuição se dá a partir de atividades referentes às siglas da ferramenta, sendo elas: I - inventário de internet, onde se elabora um inventário de como o paciente despende seu tempo online e com os dispositivos eletrônicos dos quais faz uso; M - monitoramento ao longo do tempo, no qual se avalia como esses hábitos podem mudar a longo prazo; P - (fatores de) parentalidade, correspondente aos comportamentos dos pais que influenciam no desenvolvimento do vício entre as crianças e adolescentes; R - (atividades do mundo) real, visando minimizar os

impactos negativos físicos e psicológicos gerados pelo vício das telas, analisa-se a rotina do paciente visando otimizar sua saúde mental e física; o - outras condições de saúde mental, como as comorbidades que tal uso excessivo podem gerar ou geraram; V - (fatores de) vulnerabilidade, sejam eles contínuos (exemplo: crescer em um lar instável) ou agudos (exemplo: *bullying*); E - é necessária ajuda ou assistência extra?, depois de mensurar a gravidade do vício na vida dos pacientes, se pensa na possibilidade de buscar outras formas de ajuda como orientação escolar, dos pais etc. (Young; Abreu, 2018)

Com isso, através dessa ferramenta, é possível reconhecer como o paciente gasta seu tempo em frente aos dispositivos eletrônicos, os jogos de computador, principalmente online, são considerados as atividades mais associadas ao uso excessivo e dependência de internet, assim como, influentes nos comportamentos mais agressivos por parte das crianças (Berle; Starcevic, 2015).

A atuação do psicólogo deve ser voltada principalmente aos pais, pois são eles os responsáveis pela liberação dos dispositivos móveis para as crianças, assim como o tempo de uso, uma vez que, a criança não possui controle de tempo e muito menos autonomia para saber se aquilo está lhe causando benefícios ou malefícios. Com isso, o psicólogo pode orientar os pais através de palestras, workshops e grupos de discussões sobre o uso excessivo de telas (Da Silva, 2025), mas também, auxiliar na elaboração de atividades lúdicas e interativas, que contribuam para o desenvolvimento da criança de forma saudável tanto social como emocionalmente (Turkle, 1997).

Portanto, é viável que o profissional da psicologia promova um ambiente aprimorado para a exploração da aprendizagem, promovendo tanto interações digitais moderadas, quanto experiências práticas presenciais vividas por cada criança, incentivando assim, o contato social, a criatividade e o pensamento crítico (Da Silva, 2025), mas também, estimular a autorregulação e a participação ativa dos pais e educadores no processo de aprendizagem que faz parte do desenvolvimento completo de cada criança, garantindo que o uso das ferramentas digitais sejam aliadas e não malignas para o processo de formação da personalidade de cada criança.

Por fim, é necessário conscientizar os pais sobre os impactos do uso das telas pelos pequenos, esclarecendo sobre os comportamentos que podem ser desenvolvidos e como lidar com eles, assim como auxiliar no tempo limite de acesso

às telas de acordo com a idade de cada criança, que pode ter como auxílio à prevenção “3-6-9-12” ao orientar os pais quanto às regras mais adequadas para cada fase do desenvolvimento infantil e quais ações podem ser seguidas com a finalidade de prevenção na dependência de telas.

Essa prevenção é descrita como na faixa etária do nascimento aos 3 anos nenhum uso de telas; dos 3 aos 6 anos com 1 hora por dia sob supervisão parental; dos 6 aos 9 anos o uso em frente a tela de forma supervisionada e como forma de experiência de vinculação emocional familiar; dos 9 aos 12 anos com a psicoeducação de mídias saudáveis e educativas contribuintes a fase de desenvolvimento; por último, a faixa de 12 aos 18 anos como forma independente, que influenciam em decisões e manuseio saudável conforme o que foi orientado por todo o seu crescimento, para que seu manuseio seja feito de forma consciente e responsável.

Dessa forma, o incentivo aos cuidadores a manter uma melhor interação com seus filhos possibilitará colecionar memórias e melhor tempo de qualidade. Uma vez que a falta de supervisão parental gera inúmeros malefícios para o desenvolvimento das crianças, principalmente as que estão ainda entre seus primeiros anos de vida, por ser uma fase de grande desenvolvimento e com isso possui a necessidade de interação com outras pessoas e não somente com o mundo digital.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao conceituar o entendimento sobre a infância, conhecida como o período antecedente a vida adulta, apresenta características únicas e fundamentais que precisam ser cuidadas para favorecer o desenvolvimento humano. Esse olhar voltado à infância possibilitou uma melhor compreensão sobre o comportamento agressivo e suas respectivas manifestações, onde inspirou o início dos estudos sobre a agressividade com a Geração Tradicional (aqueles que nasceram até 1950), tal como postulou Freud e Winnicott.

Dessa forma, os autores colocam que a agressividade não se refere a ausência de afetos, mas a constituição da realidade externa do sujeito que transforma a agressividade, uma emoção delicada e necessária cuja raiz são os instintos, em uma tendência violenta ou um comportamento antissocial quando não elaboradas que permeia os relacionamentos futuros. Tal modo de funcionamento é influenciado pelo ambiente familiar, que trará consequências a estruturação psicológica da criança, levando a uma modelagem comportamental da agressividade.

Com o advento do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) tornou-se possível reconhecer a agressividade principalmente nas transições sofridas na infância decorrente de novos hábitos e cenários que acompanham a contemporaneidade.

Um agravante para esse caso, se deu com o desenvolvimento tecnológico, precisamente na década de 90, quando os computadores-mão, também conhecidos como as telas, começaram a surgir, estando cada dia mais presente na sociedade. Tecnologia essa que altera significativamente o modo de ser do sujeito, transmitindo o sentimento de onipresença por se estar conectado simultaneamente. É claro que essa relação se desenvolveu gradualmente, influenciando diferentes gerações de maneiras únicas através das mudanças sociais e culturais.

Na atualidade, o acesso às telas, como *smartphones* e *tablets*, tem aumentado gradativamente entre as crianças que estão ainda na primeira infância. Os pais, que em muitos momentos oferecem o dispositivo móvel como forma de distração para poderem realizar tarefas básicas do dia a dia, não estão conseguindo supervisionar os conteúdos acessados pelas crianças, assim como, não sabendo lidar com a dependência que os menores estão desenvolvendo, principalmente

aqueles que estão na primeira infância que acabam progredindo com o vício desde de muito pequenos, e junto dele a falta de repertório emocional para se expressar, preenchendo-se com a tecnologia.

Sendo assim, é notável que o uso excessivo de tecnologia causa inúmeros prejuízos ao desenvolvimento psíquico da criança como ansiedade, depressão, fobias sociais, baixa estima e outras dificuldades de interação, e consequentemente, não desenvolvem ferramentas para lidar com suas questões o que os tornam cada vez mais dependentes de telas, resultando em comportamentos disfuncionais no dia a dia, principalmente, comportamentos agressivos e de interação social, que gera impacto na socialização com outras crianças mas também com aqueles que os cercam, ou seja, prejudicando a capacidade de manter relacionamentos sadios mais tarde.

O psicólogo possui um papel fundamental frente a esse problema que a sociedade vem enfrentando. Para isso, o profissional da psicologia deve desenvolver ferramentas para medir e mediar o uso de telas pelas crianças, mas também auxiliar os cuidadores na supervisão desse uso, isso pode ser feito através de uma triagem minuciosa, pois por meio dela, é possível mensurar o tempo médio em que as crianças passam diante das telas e com isso identificar o quanto pode ser prejudicial a ela, se influenciará em questões comportamentais ou psicológicas, mas também entender o que leva essa criança a estar tão exposta à tecnologia. Essa triagem deve ser realizada com perguntas assertivas sobre as questões de uso de telas, mas de forma que a criança ou os pais não se sintam coagidos, pois assim, será mais claro identificar em quais questões deve-se agir primeiro. Além disso, existem diversas técnicas que contribuem para medir a dependência e os indicadores comportamentais do uso exacerbado de telas.

É necessário também que o psicólogo entenda qual é o arranjo familiar em que a criança se encontra e como se dão as relações interpessoais dela, ou seja, avaliar a dinâmica familiar, pois com uma interação disfuncional das crianças com seus cuidadores, é possível que os mesmos busquem compensar através do mundo virtual. Ainda é necessário verificar como se aplica o uso da tecnologia pelos pais, uma vez que, são fonte de inspiração para as crianças, assim, um adulto viciado, gera uma criança dependente.

Dessa forma, tal pesquisa apresentou como limitações a relação entre as palavras-chaves “agressividade”, “infância” e “telas/tecnologias”, sendo encontrado

artigos que abordassem somente uma ou duas das palavras-chaves do estudo, além das técnicas psicológicas aplicadas em tais contextos e/ou contextos semelhantes e se há alguma relação do tempo de exposição e o aumento da agressividade. Com isso, não foi possível concluir quais aspectos referente às telas apresentam como impacto negativo a agressividade.

Para isso, faz-se necessário uma pesquisa com amostras e/ou um estudo longitudinal que acompanhe crianças ao longo da sua infância e o possível agravamento ou surgimento da agressividade diante do uso excessivo das telas e diante outros contextos, objetivando compreender se somente o uso excessivo das telas ocasionam a agressividade ou se isso é dependente de outros pontos do contexto.

Referências

ARGACHOFF, M. **Infanticídio**. 2011. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora SA., 1981.

BARBOSA, A.; MARIA DAS GRAÇAS, S. A concepção de infância na visão Philippe Ariès e sua relação com as políticas públicas para a infância. **EXAMÃPAKU (revista descontinuada)**, Paraná, v. 1, n. 1, 2008. DOI: <https://doi.org/10.18227/1983-9065ex.v1i1.1456>. Disponível em: <https://revista.ufrr.br/examapaku/article/view/1456>. Acesso em: 02 jun. 2024.

BARON, W.; HOEKSTRA, D. Sobre a biogênese das membranas de mielina: traigem, tráfego e polaridade celular. **FEBS letters**, v. 584, n. 9, p. 1760-1770, 2010.

BECK, J. S. **Terapia cognitivo-comportamental**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2013.

BERLE, D., & STARCEVIC, V. *Are Some Video Games Associated with more Life Interference and Psychopathology than others? Comparing massively multiplayer online role-playing games with others forms of video game*. **Jornal Australiano de Psicologia**, v. 67, p. 105–114. 2015

BIRMAN, J. Arquivo da agressividade em psicanálise. **Natureza humana**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 357-379, 2006. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1517-24302006000200005&script=sci_arttext. Acesso em: 08 jun. 2024.

BITTENCOURT, A. C. de C. P. et al. **Infanticídio entre as abordagens jurídica e psicológica**: Estudo de direito comparado. 2014.

Blog. DI FÁTIMA, L. Infância. **Plural e Singulares - Vendo, Ouvindo, Falando**, 2012. Disponível em: <https://pluralesingulares.wordpress.com/tag/colin-heywood/>. Acesso em: 15 jun. 2024.

BRAND, J.; RENNER, R. **Estabelecendo fronteiras e limites**: algumas orientações. 2012. Disponível em: <http://www.avgdigitaldiaries.com/post/6874407117/setting-boundaries-and-limits-some-guidelines-on>. Acesso em: 15 jun. 2024.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940**. Código Penal. Diário Oficial da União, Rio de Janeiro, 31 dez. 1940.

BUTMAN, J.; ALLEGRI, R. F. A cognição social e o córtex cerebral. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 14, p. 275-279, 2001.

CABRAL, J. F. P. A educação no “Emílio” de Rousseau. **Brasil Escola**. 2021. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/filosofia/a-educacao-no-emilio-rousseau.htm>. Acesso em 15 jun. 2024.

CANDREVA, T.; CASSIANI, V.; RUY, M. P.; THOMAZINI, L.; CESTARI, H. de F.; PRODÓCIMO, E. A agressividade na educação infantil: o jogo como forma de intervenção. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 12, n. 1, 2009. DOI: 10.5216/rpp.v12i1.4520. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/4520>. Acesso em: 18 jun. 2024.

CARACOL, J. H. V.; ALTURAS, B.; MARTINS, A. **Uma sociedade regida pelo impacto do smartphone: Influência que a utilização do smartphone tem no cotidiano das pessoas**. 2019. DOI: 10.23919/CISTI.2019.8760845. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/25357>. Acesso em: 11 mar. 2025.

CASTELLS, M. A sociedade em rede. Paz e Terra, São Paulo, v. 2, p. 698, 1999.

CAVALCANTE, Z. V.; DA SILVA, M. L. S.. A importância da revolução industrial no mundo da tecnologia. In: VII EPCC - Encontro Internacional de Produção Científica, 7., 2011, Paraná. **Anais eletrônicos (...)** Paraná: Editora CESUMAR, 2011. Disponível em: http://www.cesumar.br/prppge/pesquisa/epcc2011/anais/zedequias_vieira_cavalante2.pdf. Acesso em: 15 jun. 2024.

CETIC.BR (Comitê Gestor da Internet no Brasil). Ticj Kids Online Brasil: Pesquisa sobre o Uso da Internet por Crianças e Adolescentes no Brasil - 2019. São Paulo, 2020. Disponível em: [tic_kids_online_2019_livro_eletronico.pdf](https://www.cetic.br/tic_kids_online_2019_livro_eletronico.pdf). Acesso em: 15 fev. 2025.

CHIUZI, R. M.; PEIXOTO, B. R. G.; FUSARI, G. L.. Conflito de gerações nas organizações: um fenômeno social interpretado a partir da teoria de Erik Erikson. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 19, n. 2, p. 579-590, 2011. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5137/513751438018.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2024.

COMAZZETTO, L. R. et al. A geração Y no mercado de trabalho: um estudo comparativo entre gerações. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 36, p. 145-157, 2016. DOI: 10.1590/1982-3703001352014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/SMTpRhKxjvNjr7wQV9wFksH/?format=html>. Acesso em: 01 jun. 2024.

COSTA, L. N.; MAHL, M. L. O sentimento de infância na perspectiva de Philippe Ariès. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, São Paulo, v. 8, n. 3, p.31-36. 2020. ISSN: 2448-0959. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/sentimento-de-infancia>. Acesso em: 15 jun. 2024.

COSTA, R. da. A Cultura Digital. **Publifolha**, São Paulo, 2002.

COUTINHO, G. L. **A Era dos Smartphones: Um estudo Exploratório sobre o uso dos Smartphones no Brasil**. Monografia - Habilitação em Publicidade e Propaganda, Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

CRESPI, L.; NORO, D.; NÓBILE, M. F.. Neurodesenvolvimento na Primeira Infância: aspectos significativos para o atendimento escolar na Educação Infantil. Urberlândia:

Ensino em Re-Vista, v. 27, p. 1517-1541, 2020. DOI: <https://doi.org/10.14393/er-v27nea2020-15>. Disponível em: [educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1983-17302020000401517&script=sci_arttext](https://educ.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1983-17302020000401517&script=sci_arttext). Acesso em: 11 mar. 2025.

DA SILVA, A. B. A Intervenção do Psicólogo no Desenvolvimento e Aprendizagem na Educação Infantil, de Forma Preventiva ao Uso Excessivo de Telas. **Open Science Research XVIII**. Editora Científica Digital, p. 48-58, 2025

DE CARVALHO, C. F.; PETRICH, L. R. **Uma Introdução à Teoria Social Cognitiva de Albert Bandura**. 2020.

DIAS, E. O. Winnicott: agressividade e teoria do amadurecimento. **Natureza Humana-Revista Internacional de Filosofia e Psicanálise**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 9-48, 2000. Disponível em: <https://revistas.dwwe.com.br/index.php/NH/article/view/697>. Acesso em: 08 jun. 2024.

DUTRA, F. A história do telefone celular como distinção social no Brasil. Da elite empresarial ao consumo da classe popular. **Revista Brasileira de História da Mídia**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 102-116, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/4798/3087>. Acesso em: 15 jun. 2024.

FERNANDES, E.; MAIA, A. da C. Impacto do exercício de psicoterapia nos psicoterapeutas. **Análise Psicológica**, v. 26, n. 1, p. 47-58, 2008. Disponível em: publicacoes.ispa.pt/index.php/ap/article/view/476. Acesso em: 11 fev. 2025.

FERRARI, I. F. Agressividade e violência. **Psicologia clínica**, Rio de Janeiro, v. 18, p. 49-62, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-56652006000200005>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pc/a/x7phbW9v9jcbWgsCzYtncZM/?format=html>. Acesso em: 08 jun. 2024.

FINOTTI, M. B. *et al.* Correlação entre a Depedência do Smartphone na Adolescência e Alguns Trasntornos Psquiátricos – Revisão de Literatura. **Brazilian Journal of Surgery & Clinical Research**, v. 25, n. 2, 2018.

FONSECA, F. L.; MARTINS, L. P. L. A agressividade infantil no DSM: os diagnósticos e os seus efeitos subjetivos. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 26, p. e211093, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/1415-4714.e211093>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/FNnDt7wDxLyVv8vRTQhBdBK/?lang=pt>. Acesso em: 08 jun. 2024.

FREUD, S. A interpretação dos sonhos. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: **Companhia das Letras**, 2010.

FREUD, S. Além do princípio do prazer. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: **Companhia das Letras**, 2010.

FREUD, S. As pulsões e seus destinos. In: FREUD, Sigmund. Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). Tradução de Paulo

César de Souza. São Paulo: **Companhia das Letras**, 2010. p. 119-158.

FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GONÇALVES, F. de S.; CAROPRESO, F. S. La agresividad en la etapa inicial de la teoría freudiana. **Tempo psicanalítico**, v. 54, n. 1, p. 229-254, 2022.

HAN, D. H. *et al.* The effect of family therapy on the changes in the severity of on-line game play and brain activity in adolescents with on-line game addiction. **Pesquisa em Psiquiatria: Neuroimagem**, v. 202, p. 126–131, 2012.

HEYWOOD, C. **Uma história da infância**: da Idade Média à Época Contemporânea no Ocidente. Tradução de Vera Ribeiro. Porto Alegre: Artmed, 2004.

IBGE. 161,6 milhões de pessoas com 10 anos ou mais de idade utilizam a Internet no país, em 2022. 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38307-161-6-milhoes-de-pessoas-com-10-anos-ou-mais-de-idade-utilizaram-a-internet-no-pais-em-2022>. Acesso em: 10 jun. 2024.

KISHIMOTO, T. M. **O Brincar e suas teorias**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

KOHAN, W. O. Infância e educação em Platão. **Educação e Pesquisa**, v. 29, p. 11-26, 2003.

KUPPERSCHMIDT, B. R. Multigeneration employees: Strategies for effective management. **The health care manager**, v. 19, n. 1, p. 65-76, 2000.

LINS, T. *et al.* Problemas externalizantes e agressividade infantil: uma revisão de estudos brasileiros. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 64, n. 3, p. 59-75, 2012. ISSN: 0100-8692. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2290/229025830010.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2024.

LOH, K. K.; KANAI, R. Como a internet reformulou a cognição humana? **The Neuroscientist**, v. 22, n. 5, p. 506-520, 2016.

LUSTIG, A. L. *et al.* Criança e infância: contexto histórico social. In: IV SEMINÁRIO DE GRUPOS DE PESQUISA SOBRE CRIANÇAS E INFÂNCIAS - ÉTICA E DIVERSIDADE NA PESQUISA, 4., 2014, Goiânia. **Anais (...)** Goiânia: Cegraf, 2014.

MADDEN M.; LENHART A.; DUGGAN M. **Teens and Technology**. **Pew Research Center**: Washington D.C., 2013. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/internet/2013/03/13/teens-and-technology-2013/>. Acesso em: 9 mar. 2025.

MAZIERO, L. L.; RIBEIRO, D. F.; REIS, H. M. Desenvolvimento infantil e tecnologia. **Revista Interface Tecnológica**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 79-91, 2016. Disponível em: <https://revista.fatectq.edu.br/interfacetecnologica/article/view/127>. Acesso em: 15 jun.

2024.

MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação**: como extensões do homem. Editora Cultrix, 1974.

MCCRINDLE. *About*. [S. l.]: **McCrindle**, 2025. Disponível em: <https://mccrindle.com.au/about/>. Acesso em: 19 set. 2025.

MCCRINDLE, M. **Generation alpha**. Hachette Uk, 2021.

MORA–UNIPAMPA, L. *et al.* Internet presente, dependência eminente? Um estudo com universitários. *In*: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DIGITAL (SIED), 2., 2018. **Anais eletrônicos...** 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/328188481_Internet_Presente_Dependencia_Eminente_Um_Estudo_com_Universitarios. Acesso em: 9 mar. 2025.

OTTO, C.; KIRSCHNER, M.; GRÜSSER, S. Avaliação de critérios para transtornos específicos de uso da Internet (ACSID-11): Introdução de um novo instrumento de triagem que captura os critérios da CID-11 para transtorno de jogo e outros transtornos potenciais de uso da Internet. **Journal of Behavioral Addictions**, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 192-198, jun. 2022. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC9295242/>. Acesso em: **19 set. 2025**.

PAVARINO, M. G.; DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. O desenvolvimento da empatia como prevenção da agressividade na infância. **Psico**, v. 36, n. 2, p. 3, 2005.

PELLANDA, E. C.. Convergência de mídias potencializada pela mobilidade e um novo processo de pensamento. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 26., 2003. Belo Horizonte. **Anais eletrônicos (...)** Porto Alegre: INTERCOM, 2003. p. 1-11. Disponível em: <https://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/129419528759418333834670887469995119541.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2024.

PEREIRA, D. M. As gerações contemporâneas. **Revista FAROL**, Rondônia, v. 9, n. 9, p. 83-96, 2020. Disponível em: <https://revista.farol.edu.br/index.php/farol/pages/view/sobre>. Acesso em: 02 jun. 2024

PINHEIRO, E. G.; CASTELLS, M. A sociedade em rede. Paz e Terra, São Paulo, v. 1, 1999. **Informação & Sociedade**, [s.l.], v. 10, n. 2, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/337>. Acesso em: 15 jun. 2024.

PORFÍRIO, F. Jean-Jacques Rousseau. **Brasil Escola**. 2021. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/filosofia/jean-jacques-rousseau.htm>. Acesso em 15 de junho de 2024.

POBLACIÓN, D. A. Literatura cinzenta ou não convencional: um desafio a ser enfrentado. **Ciência da Informação**, v. 21, n. 3, 1992.

PREVITALE, A. P. **A Importância do Brincar**. Trabalho de Graduação - Faculdade de Educação, Programa Especial de Formação de Professores em Exercício da Região

Metropolitana de Campinas (PROESF), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/Busca/Download?codigoArquivo=547147>. Acesso em: 01 jun. 2024.

RIEGO, D.; SOUZA, D.; et al. Técnicas e desafios dos transtornos comportamentais relacionados ao uso da internet e tecnologia. **Revista Brasileira de Terapia Cognitivo-Comportamental (RBTCC)**, v. 54, n. 1, 2022.

ROCHA, A. V. F et al. Dependência Digital: Dá pra viver desconectado? In: EXPOSIÇÃO DA PESQUISA EXPERIMENTAL EM COMUNICAÇÃO, Uberlândia, 2015. **Anais...** Uberlândia: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2015.

RODRIGUES, R. B. **Novas tecnologias da informação e da comunicação**. Recife: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco, 2016. 24 p. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Ricardo-Rodrigues-10/publication/304540259_Novas_Tecnologias_da_Informacao_e_da_Comunicacao/links/5772ca4708aeef01a0b65f29/Novas-Tecnologias-da-Informacao-e-da-Comunicacao.pdf. Acesso em: 15 jun. 2024.

SILVA, J.; SANTOS, A. B. **A presença das tecnologias no desenvolvimento das crianças**. 2018. 7 f. Trabalho de Conclusão de Estágio – Curso de Psicologia. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0435.pdf>. Acesso em: 19 set. 2024.

SIMONS, M.; LYONS, D. A. Seleção axonal e geração de bainha de mielina no sistema nervoso central. **Current opinion in cell biology**, v. 25, n. 4, p. 512-519, 2013.

SOUZA, T.. História e Evolução dos Computadores. **Toda Matéria**, 2020. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/historia-e-evolucao-dos-computadores/>. 2020. Acesso em: 15 jun. 2024.

TURKLE, S. **A vida no ecrã: a identidade na era da internet**. Lisboa: Relógio D'Água. 1997.

UNICEF. União Internacional de Telecomunicações (ITU). Dois terços das crianças em idade escolar no mundo não têm acesso à internet em casa, diz novo relatório do UNICEF-ITU. 2020. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/dois-tercos-das-criancas-em-idade-escolar-no-mundo-nao-tem-acesso-a-internet#:~:text=Dois%20ter%C3%A7os%20das%20crian%C3%A7as%20em,novo%20relat%C3%B3rio%20do%20UNICEF>. Acesso em: 15 jun. 2024.

VALENÇA, A. M. et al. Comportamento violento, gênero e psicopatologia. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 13, p. 238-252, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1415-47142010000200006>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/D469XFfmcyc6mMdB6SYxZN/>. Acesso em: 09 jun. 2024.

VAN DEN EIJNDEN, R. J., SPIJKERMAN, R., VERMULST, A. A.; VAN ROOJI, A. J.

2010. Compulsive Internet use among adolescents: Bidirectional parent-child relationships. **Journal of Abnormal Child Psychology**, p. 38, 77–89.

WEITEN, M. **Introdução à psicologia: temas e variações** (versão abreviada). São Paulo: Pioneira, 2002.

WINNICOTT, D. W. A agressão e suas raízes. In: WINNICOTT, Donald W. **Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas**. Tradução de Maria Geertje de Moraes. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2000. p. 251-260.

YEN, J. et al. Family factors of internet addiction and substance use experience in Taiwanese adolescents. **Cyberpsychology & Behavior**, v. 10, n. 3, p. 323-329, 2007.

YOUNG, K. S.; ABREU, C. N. de. **Dependência de internet em crianças e adolescentes: fatores de risco, avaliação e tratamento**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2018.

ZIMMERMAN, B. J.; SCHUNK, D. H. Albert Bandura: The scholar and his contributions to educational psychology. In: _____. **Educational psychology**. Routledge, 2014. p. 431-458.